

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO  
PRÓ- REITORIA DE PESQUISA E PÓS - GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTU SENSU* EM LINGUÍSTICA  
MESTRADO EM LINGUÍSTICA

NÁGHILA CRISTINA AMADA DA SILVA

**A VARIAÇÃO SEMÂNTICA DO VERBO PASSAR SOB O ENFOQUE DA TEORIA  
ENUNCIATIVA**

CÁCERES, MT

2021

NÁGHILA CRISTINA AMADA DA SILVA

**A VARIAÇÃO SEMÂNTICA DO VERBO PASSAR SOB O ENFOQUE DA TEORIA  
ENUNCIATIVA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística, sob a orientação do(a) professor(a) Dr.(a) Albano Dalla Pria.

CÁCERES- MT

2021

SILVA, Nághila Cristina Amada da.

A Variação Semântica do Verbo Passar Sob o Enfoque da Teoria Enunciativa / Nághila Cristina Amada da Silva – Cáceres, 2021.

75f.

Trabalho de Conclusão de Curso  
(Dissertação/Mestrado) – Curso de Pós-graduação Stricto Sensu (Mestrado Acadêmico) Linguística, Faculdade de Educação e Linguagem, Câmpus de Cáceres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2021.

Orientador: Albano Dalla Pria

1. Gramática Tradicional. 2. Verbo. 3. Catalogação de Palavras. 4. Marcador Passar. 5. Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas.

CDU 81'3

**NÁGHILA CRISTINA AMADA DA SILVA**

**A VARIAÇÃO SEMÂNTICA DO VERBO PASSAR SOB O ENFOQUE DA TEORIA  
ENUNCIATIVA**

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.(a) Dr.(a) Albano Dalla Pria  
Orientador(a) – PPGL/UNEMAT

---

Prof. (a) Dr.(a) Marcos Luiz Cumpri  
Avaliador(a) Interno(a) – PPGL/UNEMAT

---

Prof. (a) Dr.(a) Stéfano Grizzo Onofre  
Avaliador(a) Externo(a) – FAB

**APROVADA EM: 28/01/2021**

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo presente da vida e que na sua infinita bondade permitiu a conclusão deste trabalho com saúde mental e física.

Agradeço minha família em especial a minha mãe Neide, minha irmã Karoline e meu amado esposo Douglas por me ajudarem nos cuidados com nosso príncipe Matheus nos momentos em que precisei me ausentar. Obrigada por sempre terem me apoiado e me dado força, me incentivando em tudo aquilo que faço. A minha vó Maria Rodrigues que, nos momentos de desespero, intercedia por mim em suas orações. Amo vocês! Quero registrar aqui o meu *Muito Obrigada* por tudo! Indiscutivelmente, família é um presente de Deus e nossos melhores amigos.

Um agradecimento muito especial ao meu orientador professor Dr. Albano Dalla Pria, por ter me adotado e me acolhido no meio deste percurso. Agradeço pela paciência, pelo carinho, pelo respeito e principalmente pela compreensão das minhas dificuldades e limitações ao dedicar o seu valioso tempo para me orientar.

Ao professor Dr. Marcos Luiz Cumpri e ao professor Dr. Stéfano Grizzo Onofre pelas contribuições para a escrita e pela participação na qualificação e defesa desse trabalho.

Agradeço aos amigos, especialmente Daniele Angélica Borges e Simone Carvalho Mendes pela compreensão e carinho. Pelas alegrias, risos e sonhos partilhados durante esse percurso.

À Universidade do Estado de Mato Grosso por proporcionar a oportunidade de realizar dois grandes sonhos: a graduação em Letras e o mestrado em Linguística.

Ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Linguística, pelo amadurecimento teórico. Agradeço a todos os docentes desse programa pelos saberes partilhados.

A CAPES pelo apoio financeiro durante a graduação e na Pós-graduação.

Agradeço todos àqueles que, de alguma forma, estiveram e/ou estão próximos de mim, sempre me incentivando e animando a seguir em frente. Deus abençoe a todos!

*Conjugar verbos é algo que faz parte da vida de qualquer individuo, alfabetizado ou não, escolarizado ou não; no entanto, poucas pessoas se dão conta de que há nesse processo uma organização interna, um verdadeiro sistema. (PASQUALE e ULISSES, 1999)*

*Passos largos*  
*Passos firmes*  
*Passo a passo*  
*Passa Passos ao paço.*  
*Com o ferro de passar*  
*Passa a passar a passamanaria*  
*Que passa pela passadeira.*  
*Tô passada!*  
*Tudo passado!*  
*Passa então para a cozinha.*  
*Passa o pão!*  
*Passa a manteiga!*  
*Passa o bule de café!*  
*Passa cachorro!*  
*O tempo passa.*  
*Volta às roupas passadas*  
*E as passa para o seu lugar.*  
*Então passa a dirigir seus passos*  
*Para fora do paço.*  
*Passos largos*  
*Passos firmes*

Poema “Tudo Passa”, por Gilda Morassutti

*Todas as coisas na Terra passam.  
Os dias de dificuldades passarão.  
Passarão também os dias de amargura e solidão.  
As dores e as lágrimas passarão.  
As frustrações que nos fazem chorar, um dia passarão.  
A saudade do ser querido que se vai, na mão da morte, passará.  
Os dias de glórias e triunfos mundanos, em que nos julgamos  
maiores e melhores que os outros, igualmente passarão.  
A vaidade interna, que nos faz sentir como o centro do universo,  
um dia passará.*

Poema “Isto também passa”, por Chico Xavier.



## RESUMO

Este trabalho, inscrito na linha de pesquisa Estudos dos Processos de Significação do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), tem a pretensão de mostrar como se organiza o funcionamento do verbo *PASSAR* no português do Brasil, a partir da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE). Culioli (1990, 1999a, 1999b) inova ao apresentar à linguística uma nova maneira de se fazer ciência, propondo a procura do dado linguístico como resultado da articulação entre a linguagem através da diversidade das línguas naturais. Neste trabalho, fizemos uma delimitação histórica sobre a classe de palavras “verbos” e sobre os dicionários e catalogação de palavras com objetivo de entender o sentido “dado” pelo tradicionalismo e estruturalismo, visto que na TOPE o sentido não é dado e sim construído. Opomo-nos a qualquer caracterização fundamentada em uma categoria cognitiva supostamente pré-estabelecida, ou em considerações cognitivas que não tenham em conta a observação das formas linguísticas. Assim, verificamos que *PASSAR* e demais unidades léxicais dos dicionários não têm a intenção de apresentar a identidade. Vemos apenas sentidos inventariados que apresentam resultados prontos em que não há um processo a ser construído. Nessa direção, embasados nos pressupostos teóricos da TOPE; através dos enunciados selecionados compreendemos o funcionamento de *PASSAR* a partir do pré-construto e a representação visada de cada enunciado.

**PALAVRAS- CHAVES:** gramática tradicional; estruturalismo; verbo; catalogação de palavras e marcador passar; Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas.

## ABSTRACT

This work is inscribed in the research line of Signification Processes of the Postgraduate Program in Linguistics of the University of the State of Mato Grosso (Brazil). It intends to show how the verb *PASSAR* is organized in Brazilian Portuguese, based on the Theory of Predicative and Enunciative Operations (TOPE). Culioli (1990, 1999a, 1999b) innovates by presenting linguistics with a new way of doing science, proposing the search for linguistic data as a result of the articulation between language through the diversity of natural languages. In this work, we made a historical delimitation about the word class “verbs” and about the dictionaries and cataloging of words in order to understand the meaning “given” by traditionalism and structuralism, since in TOPE the meaning is not given but constructed. We are opposed to any characterization based on a supposedly pre-established cognitive category, or on cognitive considerations that do not take into account the observation of linguistic forms. Thus, we verify that *PASSAR* and other specific lexical units do have not an intention to present identity. We see only inventoried meanings that present ready results in which there is no process to be built. In this direction, based on the theoretical assumptions of TOPE; through the selected enunciated we understand the functioning of *PASSAR* from the pre-construct and the targeted representation of each enunciated.

**KEYWORDS:** traditional grammar; structuralism; verb; cataloging words and pass marker; Theory of Predicative and Enunciative Operations.

## SUMÁRIO

1 UMA BREVE APRESENTAÇÃO .....	13
SEÇÃO I.....	18
2 TEORIA DAS OPERAÇÕES PREDICATIVAS E ENUNCIATIVAS .....	18
2.1 Linguagem e línguas.....	18
2.2 Produção e reconhecimento de formas.....	19
2.3 Atividade de linguagem.....	21
2.4 O Enunciado .....	24
2.4.1 Etapas de constitutivos de um enunciado .....	25
2.4.2 Relação primitiva e o esquema da léxis.....	25
2.4.3 Relação predicativa.....	26
2.4.4 Relação enunciativa.....	27
2.5 Estado zero de categorização.....	28
2.6 As operações de determinação na linguagem: quantificação e qualificação.....	29
2.6.1 Operação de extração.....	30
2.6.2 Operação de Flechagem.....	30
2.6.3 Operação de varredura.....	31
2.7 Noção.....	32
2.7.1 A ocorrência .....	33
2.8 A modalidade.....	34
2.8.1 O aspecto .....	35
2.9 A asserção.....	36
SEÇÃO II: .....	38
3 UM PONTO DE PARADA: O ESTUDO DOS VERBOS .....	38
3.1 Histórico da delimitação da classe de palavras: Verbo .....	39
3.2 O verbo nos estudos da gramática .....	42
3.3 Verbos de movimento.....	45
SEÇÃO III .....	48

4 DICIONÁRIOS E CATALOGAÇÃO DE PALAVRAS .....	48
4.1 Delimitação histórica .....	48
4.2 Dicionários e catalogação de palavras .....	49
4.3 <i>PASSAR</i> em dicionários de Língua Portuguesa .....	51
4.4 Um olhar culioliano para os dicionários de Língua .....	54
4.5 Variação semântica do verbo <i>PASSER</i> .....	57
SEÇÃO IV .....	60
5 ANÁLISE .....	60
5.1 <i>PASSAR</i> : algumas considerações .....	67
6 CONSIDERAÇÕES .....	69
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	71
REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS .....	75

## 1 UMA BREVE APRESENTAÇÃO

A linguagem e a vida humana sempre caminharam juntas. Através da história percebemos que ambas carregam consigo diversas indagações que permeiam a humanidade e seus mistérios. A linguagem acompanha a história do homem, sua transformação e evolução, que de certo modo, estão diretamente ligadas à evolução humana. Ela é uma fonte inesgotável de criação, e é através da linguagem que o homem se manifesta em todos os momentos de sua vida, expressando sua opinião, sua sabedoria, seus sentimentos e até mesmo sua arte. Assim como a música, que, a partir de sete notas musicais, gera infinitas possibilidades, a linguagem também consegue expressar toda a vivência humana em todos os seus aspectos.

A linguagem é tão importante para a vida humana que surgiu a ciência para estudá-la. Mesmo assim, após anos de estudo e avanço nessa área, ainda existem questões sobre as quais precisamos nos debruçar para uma melhor compreensão a respeito de seu funcionamento.

Normalmente, encontramos pessoas que lançam questionamentos a respeito da língua portuguesa e a julgam difícil e, até mesmo, impossível de compreender tantas regras gramaticais e seu funcionamento. De fato, isso nos leva a refletir e também nos questionar por que essa sensação de dificuldade em relação ao aprendizado das regras de nossa própria língua nos persegue.

Durante o período escolar aprendemos que o sentido das palavras é pré-estabelecido como se fossem etiquetas. Essa posição de um sentido previamente estabelecido também é identificada em relação aos verbos. As gramáticas, de forma geral, e até mesmo algumas abordagens linguísticas, classificam o verbo como transitivo, intransitivo, impessoais e de ligação. Praticamente em todos os livros gramaticais os verbos são classificados como termo que indica ação, estado ou fenômeno da natureza. As definições são semelhantes.

De Vogué (2011) diz que a maior parte das teorias existentes atualmente, independente do quadro epistemológico escolhido, é criticada por privilegiar um tipo de verbo ou configuração verbal. Essas teorias não consideram outras possibilidades e acabam por classificá-los como derivados ou periféricos. Outras teorias assistem o verbo somente pela sua dimensão temporal de seu referente, ou por sua dimensão processual, até mesmo pela dimensão causal ou por sua dimensão predicativa. Outras teorias classificam o verbo como um ato ou uma atividade, algumas para as quais se refere a um acontecimento, a uma situação transitória ou a uma situação evolutiva. Há teorias em que verbo remete a uma força ilocutória ou é o aporte de um suporte externo. Ainda

sim, de acordo com De Vogué (2011) existem teorias para as quais o verbo se caracteriza pelo modo de estar submetido à diátese ou pelo modo de apresentar índices actanciais.

Na proposta teórica na qual nos inscrevemos, a *Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas*, doravante TOPE<sup>1</sup>, compreendemos que a atividade de linguagem é um processo complexo e quando lidamos com essa atividade, estamos tratando da heterogeneidade<sup>2</sup>, que obedece a princípios reguladores e específicos dessa atividade. Isso dificulta, de certa forma, predefinirmos conceitos e sentidos para as unidades morfolexicais, visto que dependemos da articulação de diversos domínios quando nos ocupamos da linguagem. Uma unidade, qualquer que seja, não pode simplesmente receber um rótulo e se estabelecer enquanto tal em todas as suas circunstâncias de uso, ou seja, na atividade de linguagem.

Como resultado das nossas próprias inquietações, buscamos neste trabalho discorrer sobre a instabilidade do verbo por meio de uma análise enunciativa do verbo *PASSAR*<sup>3</sup> numa perspectiva semântica enunciativa a partir da variação de suas ocorrências, tomando como base o enfoque da TOPE.

A observação da variabilidade de sentidos justifica o presente estudo da escolha do verbo *PASSAR*. Este marcador está entre os vinte e cinco (25) verbos mais utilizados em língua portuguesa; chama à atenção a diversidade de valores semânticos que lhe podemos atribuir; seus usos compreendem valores metafóricos: “passar dessa para melhor (morrer); passar a rasteira (prejudicar); passar a perna em alguém (enganar); passar pano para alguém (acobertar, omitir) e não metafóricos (passar fome; passar pela ponte; passar o pano)”.

Além disso, chama a atenção o número de locuções que esse verbo forma com o complemento à sua direita: “passar fome”; “passar apuros”; “passar vergonha”; “passar raiva”; “passar bem”; “passar na prova”; “passar o tempo”; “passar um cigarro”; “passar a casa para alguém”; “passar a vez”; “passar a marcha”; “passar o recado”; “passar o ponto”; “passar do ponto”; “passar com o carro”; “passar sobre a ponte”; “passar o pires”; “passar o café”; “passar de banda”; “passar batido”; “passei por mentiroso”; “passar da medida”; “Passar falta de comida/água/roupa/sapato”; “passar apuro”; “passar por cima de alguém”; “passar roupa”; “passar o ferro na roupa”; “passar de hora”, e assim por diante.

---

<sup>1</sup> A partir desse momento, utilizaremos, apenas, a forma abreviada (TOPE).

<sup>2</sup> Na concepção operatória da enunciação entendemos que a heterogeneidade é um sistema de deformações diferenciando uma realização dentro de outras sequências textuais possíveis, manifestando suas ligações pela conservação de propriedades comuns através das próprias deformações. Sendo assim, a heterogeneidade não é mais o que separa radicalmente um enunciado de outro, trancando a frase numa especificidade irreduzível a partir do momento que se torna enunciado.

<sup>3</sup> O termo “passar” em nosso trabalho será representado por letras maiúsculas e itálicas.

Uma pesquisa realizada pelo estudioso francês Franckel (1997), sobre o verbo *PASSER*<sup>4</sup> (*passar*) em francês, registra que *PASSER* é uns dos verbos mais frequentes de várias tabelas lexicográficas e a descrição de seus usos normalmente apresenta inúmeras descrições para atribuir seu sentido semântico. Abordar a questão da locução, conforme Franckel (1997), pelo viés do estudo da polissemia, justifica-se por algumas razões que falaremos posteriormente. Nessa direção, ao observamos os dicionários de língua portuguesa, averiguamos a abundância e diversidade de valores que podem ser associados a esse verbo e dificilmente nos permite fazer a diferença entre empregos fixos e não fixos. Concordando com Franckel (1997), *PASSER* põe em questão diretamente a própria noção de locução, do mesmo modo que *PASSAR* em língua portuguesa.

Nesse sentido, observamos as abordagens feitas pelos dicionários de língua portuguesa, vimos que a expressão verbal de *PASSAR* tende a apresentar, na maioria das vezes, abordagens semanticamente que “esvazia” o verbo, baseando-se na intuição de que assim constituiria o significado “verdadeiro” ou “primeiro” do verbo que não é encontrado no significado da própria locução. Contudo, Franckel (1997) afirma que, ao considerar que o verbo é semanticamente vazio em uma locução verbal, equivale, de fato, ocultar seu papel apropriado na execução de uma interpretação que só é compreendida pela expressão como um todo. Nada indica que o verbo tenha um papel menos determinante do que seu ambiente na construção do significado no enunciado, que não é mais redutível a um de seus constituintes do que a outro. A busca por uma caracterização do verbo que leve em consideração sua singularidade e seus diferentes tipos de relação com o contexto<sup>5</sup>, fonte da variedade de seus usos, constitui um programa de trabalho na qual nos apoiamos, a TOPE.

Franckel (1997) ainda ressalta que o congelamento semântico e o congelamento sintático (em graus variados) são a manifestação de uma cristalização (mais ou menos forte) das interações entre termos, devido a afinidades particulares devido às suas respectivas propriedades. Existem associações mais ou menos “prototípicas” que são estabelecidas de maneira assimétrica.

Mais à frente, tratamos de uma observação sobre a abordagem tradicional que tende a tratar o verbo *PASSAR* em locuções semanticamente “vazio”, uma vez que esta abordagem desconsidera o papel de *PASSAR* na construção do sentido do enunciado, tratando *PASSAR* de um modo

---

<sup>4</sup> O termo *passer* em nosso trabalho será representado por letras maiúsculas e itálicas.

<sup>5</sup> Na TOPE entendemos que apesar do contexto ter seu caráter extralinguístico, o contexto não está no extralinguístico e nem funciona independente do enunciado. O contexto é gerado pelo próprio enunciado, “a própria forma da sequência é responsável por determinar as condições de sua constituição em um enunciado contextualizado (FRANCKEL, 2011b, p. 109)”.

semanticamente vazio nas locuções que ele integra. Opta por definir o sentido “primeiro” do verbo e, a partir desse, os sentidos “derivados”, “secundários”, e assim por diante.

Por conseguinte, nossa hipótese de trabalho é a de que o sentido de *PASSAR* é um construto do modo pelo qual *PASSAR* é colocado em interação com as demais unidades constitutivas dos enunciados. Serão observados nos enunciados marcas de asserção que dialogam com os gestos de linguagem.

Para dar conta dessa análise, o trabalho está organizado em quatro seções. A primeira é intitulada “Teoria das Operações Predicativas e enunciativas”. Nela tratamos de alguns conceitos da TOPE bem como veremos o olhar peculiar que Culioli (1990, 1999a, 1999b) faz da linguagem. Para nós, ela é uma atividade simbólica e enunciativa e tem um lugar central na teoria. A linguagem aqui é como fonte de todos os processos que engendram a construção de sentido. Culioli inova ao apresentar à linguística uma nova maneira de se fazer ciência, propondo a procura do dado linguístico como resultado da articulação entre a linguagem através da diversidade das línguas naturais.

Na segunda seção, intitulada “Um ponto de parada: o estudo dos verbos” fizemos um percurso histórico desde a gramática dos gregos com objetivo de mostrar desenvolvimento da atividade metalinguística no Ocidente, que de certa forma contribuiu para os estudos lógicos e filosóficos. É possível verificar que as categorias gramáticas já tinham sido pensadas pelos filósofos, mas é com a gramática que elas se incorporam. Veremos também o papel dos verbos na gramática tradicional apresentando conceitos de alguns gramáticos brasileiros. Por último abordaremos sobre os verbos de movimento, no viés funcionalista que devido a sua resistência caracteriza-se pelo posicionamento contrário à visão formalista que observa a língua numa visão literalmente metalinguística.

Na terceira seção, intitulada “Dicionários e Catalogação de palavras”, foi feito um breve percurso histórico com intuito compreender a origem da tradição lexicográfica e os sentidos inventariados atribuídos aos termos que são codificados e na maioria das vezes os sentidos são fixos e fechados. Sendo os termos classificados como “primários e secundários”. De acordo com Neves (2002), existe uma tradição lexicográfica que preside aos dicionários das línguas e que se resumem da seguinte forma: para cada uma da entrada de um dicionário, fornecem-se definições que constituem codificações semânticas fechadas entre si e particulares. Trataremos também nessa seção como *PASSAR* é tratado nos dicionários de língua portuguesa e trazendo algumas reflexões acerca do ponto de vista da TOPE. Por fim, para contribuir com esse trabalho, tratamos uma pesquisa realizada pelo francês Franckel (1997) sobre o verbo *PASSER*.



Na quarta seção, dedicamo-nos à análise da variação semântica do marcador *PASSAR* partindo do quadro teórico da TOPE que “permite postular que certos enunciados são construídos a partir de um enunciado pré-construído” (ONOFRE, 2017, pg.107). Nessa seção, inicialmente faremos um breve conceito de pré-construído na visão de alguns pesquisadores da área, visto que consideramos pertinente situar tal conceito, pois ela subsidiara nossas análises.

## SEÇÃO I

### 2 TEORIA DAS OPERAÇÕES PREDICATIVAS E ENUNCIATIVAS

A TOPE é reconhecida pela renovação na maneira de abordar a linguagem e as línguas ao relacionar-se o processo da enunciação com mecanismos cognitivos semânticos e sintáticos que discriminam certas formas para a expressão, e não outras. Culioli (1990, 1999a, 1999b) sempre se interessou pela conceituação de uma teoria capaz de abranger, analisar e explicar, além das diferenças entre as línguas, as operações que as fundamentam e, portanto, as perpassam.

A proposta foi de elaborar uma teoria capaz de conceder não o acesso às línguas, pelo motivo de ficarmos num raciocínio que singularizaria cada língua, e a metodologia seria tão-somente classificatória e não explicativa. O referido autor nos propôs a permissão de um “nível de análise supra-língual que possibilita a descrição de fatos de língua extremamente diversos, porém cujas determinações procedem das mesmas noções primitivas” (ZAVAGLIA, 2012, p. 26).

Culioli (1990) ainda diz que a ideia da teoria não é o de formular uma gramática universal, mas sim de reformular as noções primitivas, as operações e regras elementares que concebem as categorias gramaticais e os modelos específicos de cada língua, ou melhor, uma teoria da linguagem que se articule com uma teoria da análise das línguas.

No decorrer desta seção, foram inseridos os conceitos da teoria enunciativa culioliana.

#### 2.1 Linguagem e línguas

Saussure (2006) estabeleceu como objeto de estudo da linguística a língua, sendo ela um produto social que não se confunde com a linguagem, reduzindo-a a um “sistema particulizador, pois ela estaria ao alcance de sua observação” (ZAVAGLIA, 2012, p. 29). Por sua vez, a linguagem não interessa à abordagem saussureana, por ser um “cavaleiro de diferentes domínios” (SAUSSURE, 2006, p.17). Nessa direção, a língua “constituiu-se num sistema de signos onde, de essencial só existe a união do sentido e da imagem acústica, e onde as duas partes do signo são igualmente psíquicas” (SAUSSURE, 2006, p. 23), ou seja, para o teórico na língua não é permitido criar e muito menos modificá-la, ou seja, a língua é homogênea.

De acordo com Cumpri (2018, p.310), Culioli pode ser considerado “um linguista da formalização” pelo fato de articular linguagem (indeterminada e abstrata) e as línguas naturais

(variáveis). Rezende (2001), afirma que Culioli, ampliou o campo de estudo da linguística ao considerar a heterogeneidade.

Desse modo, Culioli inova ao apresentar à linguística uma nova maneira de se fazer ciência propondo a procura do dado linguístico como resultado dessa articulação. Na TOPE estudamos a linguagem através da diversidade das línguas naturais (diversidade dos textos: orais ou escritos). Assim, nessa abordagem, a linguagem não é o objeto de estudo exclusivo da linguística, pois várias áreas de estudo se interessam pelo estudo desta.

A atividade de linguagem é a capacidade cognitiva que permite ao ser humano representar, referenciar e regular, são passíveis de ser vislumbradas através das línguas e é em relação com a linguística que essa atividade se constrói. A linguagem também permite a elaboração de símbolos como atividade simbólica, que por sua vez não exclui as falhas e proporciona a organização e desenvolvimento do pensamento.

Na TOPE toda expressão verbal que vier a constituir enunciado é objeto de estudo, pois tomamos esse objeto sob o conceito de marcador de operação e em outras teorias é possível compreender á sombra da classe gramatical. Antes que algum enunciado tenha sido observado, não se deve abstrair a dimensão empírica do enunciado. Nessa perspectiva, Culioli (1976) diz que o objeto de estudo não é estável, nem imutável, pois a língua se apresenta ao linguista sob a forma de textos e cada um desses textos representa formas de arranjos e configurações, que num primeiro momento, varia de uma língua para outra, mas num exato momento, é possível procurar as regulares.

As línguas, nesse sentido, são definidas como configurações e agenciamentos linguísticos específicos produzidos e reconhecidos pelos sujeitos nas formas de textos orais ou escritos, os únicos materiais acessíveis ao linguista. Para se trabalhar a língua, tentando compreender a linguagem, será necessário tomar o texto como partida e, posteriormente, retornar a ele, o que não significa que o linguista trabalhará apenas na superfície textual.

## **2.2 Produção e reconhecimento de formas**

Para Culioli (1976) não há uma separação entre emissor e receptor. Um enunciator é produtor e reconhecer de formas e isso ocorre de forma simultânea. Em uma atividade real de enunciação, em cada um dos dois sujeitos, ambos praticam a arte do “diálogo inconsciente na qual Cuioli dá o nome de atividade epilinguística” (ZAVAGLIA, 2012, p. 38), que se resume em dois

processos: produção e reconhecimentos de formas. Salviato-Silva (2010) explica como ocorre esse processo:

Ao deparar-se com formas textuais, orais ou escritas, o sujeito coloca em prática o processo de reconhecimento, investindo essas formas de significação: é o processo de reconhecimento de formas. O processo epilinguístico ocorre por meio de operações mentais de linguagem e, assim, quanto mais intenso for esse diálogo interno, mais intenso será o diálogo externo, ou o resultado dos processos de produção e reconhecimento de formas. Nessa visão, o material gráfico ou sonoro não tem significado por si só, pois é o sujeito que deve investir esse material de significação para falar, ouvir, ler e escrever. Assim, é possível afirmar que os falantes de uma língua X têm capacidade de representar, referenciar e regular, o que lhes vai permitir construir e reconhecer formas por meio dos agenciamentos de marcadores naquela língua. (SALVIATO-SILVA, 2010, p. 171)

O processo de produção e reconhecimento de formas opõe-se à proposta saussuriana:

Para Saussure (1988), o trabalho realizado sobre a língua por um sujeito é deixado de lado em prol do estudo estático dos signos que não existem senão nas gramáticas e nos dicionários. Culioli não aborda diretamente a questão do signo procurando delimitá-lo ou defini-lo. Sua teoria concentra-se em explicar como se pode manipular o agenciamento dos marcadores linguísticos que rastreiam operações para encontrar invariantes processuais da linguagem. É a intenção do sujeito que promove o estabelecimento transitório dos estados. (SALVIATO-SILVA, 2010, p. 171-172)

E é esse “movimento transitório entre os estados” que foi excluído por Saussure existe uma ambiguidade que precisa ser desambiguizada, posteriormente é possível compreender a atividade epilinguística. Todo instante, nós seres humanos estamos construindo e interpretando enunciados por mais simples que elas sejam, expõem a complexidade existente de operações que devem ser objeto de estudo dos linguistas.

No dia a dia, as experiências linguísticas do indivíduo revelam-nos a frequência desse movimento de criação de novas palavras e outras estruturas sintáticas que de certa forma respeitam as possibilidades permitidas pela língua em uso. É desse modo que se contornam os mal-entendidos na fala, modificando termos ou jeito de falar. Tudo para que possamos buscar a compreensão de um diálogo<sup>6</sup> simples como esse:

– *Oi, tudo bem? E o João já melhorou?*  
– *O João! Mas ele está doente? O que ele tem?*  
– *O João, marido da sua vizinha. Esqueci que seu irmão também se chama João!*  
– *Ah! O João da Maria! Ele sofreu bastante, coitado, mas já está quase recuperado.*  
(SALVIATO-SILVA, 2010 p.172)

Percebe-se, nessa sequência, que num determinado momento havia dois Joãos em questão: João (irmão) e João (marido da vizinha). A ambiguidade aconteceu porque um dos enunciadores

---

<sup>6</sup> O exemplo foi extraído de Salviato-Silva (2010).

lembrou-se do João (irmão) a partir do João (marido da vizinha). Posteriormente ocorreu a desambiguação da sequência que auxiliou a discernir o ponto central do assunto. Assim, a finalidade do enunciador é construir uma sequência interpretável; o co-enunciador poderá interpretar essas formas de acordo com suas experiências empíricas. A significação não é vinculada, porém reconstruída. Portanto, a relação entre a atividade de produção e reconhecimento considera a capacidade de ajustamento dos sujeitos.

### 2.3 Atividade de linguagem

Nesta abordagem a linguagem não é nenhum sistema de representação que reproduz em sua totalidade o pensamento, ou seja, acreditamos que a linguagem não é o espelho do pensamento. Neste viés, se compreende a linguagem a partir da língua, a partir da sua homogeneidade para que então se atinja a heterogeneidade da linguagem. Temos, assim,

um procedimento de propriedades generalizáveis que dizem respeito a uma atividade simbólica de ordem cognitiva da linguagem apreendida através da diversidade dos textos que encontramos nas línguas naturais. (CULIOLI, 1985, p. 21).<sup>7</sup>

A atividade de linguagem se refere a uma atividade de produção e reconhecimento de formas, ora, essas formas não podem ser estudadas independentemente dos textos, e os textos não podem ser independentes das línguas.(CULIOLI, 1990, p. 14)<sup>8</sup>

A linguagem é considerada como uma tripla atividade de representação, referenciação e regulação. E esta tripla atividade está diretamente ligada à construção de sentido, entretanto,

é preciso conceber que a atividade de linguagem não consiste em veicular sentido, mas em produzir e reconhecer as formas enquanto traços de operações (de representação, de referenciação e de regulação). A significação não é, portanto, veiculada, mas (re)-construída (CULIOLI, 1990, p. 26)<sup>9</sup>

Na atividade de representação há uma série de operações que se estabelecem em três níveis para que se possa buscar a construção de um sistema referencial intersubjetivo. Ao nível I não

---

<sup>7</sup> Original: une démarche de propriétés généralisables concernant l'activité symbolique d'ordre cognitif de langage appréhendé à travers la diversité des textes que l'on trouve dans les langues naturelles.

<sup>8</sup> Original: L'activité de langage revoie à une activité de production et reconnaissance de formes, or, ces formes ne peuvent pas être étudiées indépendamment des textes, et les textes ne peuvent être indépendants des langues.

<sup>9</sup> Original: Il faut alors concevoir que l'activité de langage ne consiste pas à véhiculer du sens, mais à produire et à reconnaître des formes en tant que traces d'opérations (de représentation, référenciation et régulation). La signification n'est donc pas véhiculée, mais (re)-construite.

temos acesso direto, é o nível das representações mentais ou arranjos formais. Somente nos reportamos à realidade por meio da nossa atividade de linguagem, ou seja, das nossas ações e fala.

Nesse nível, como observa Culioli (1985), todo nosso aprendizado que foi construído a partir da nossa vivência com o mundo, com a cultura que foi adquirida desde a infância, é organizado. São efetuadas, aqui, operações de relação, encadeamento e construção de propriedades compostas.

Como já dito, a esse nível, o acesso é limitado até mesmo ao linguista, pois não é possível saber como acontecem todos os processos mentais na construção da linguagem. Culioli (1985) ressalva que toda essa atividade é neural e não se pode visualizar o cérebro no momento exato em que esse processo ocorre. Nesse processo, o mediador é o texto, pois apresenta traços da atividade cognitiva que foi realizada na elaboração da linguagem.

O nível II é a única forma de termos acesso ao nível das representações mentais, pois traz consigo os traços do nível I. Mas, isso não quer dizer que haja uma correlação exata entre os dois níveis, este apresenta somente vestígios do nível I e não existe uma relação termo a termo, no mais será gerada uma nomenclatura ou uma codificação. Dito de outro modo, isso quer dizer que não há um marcador para um valor específico e sim um marcador para valores diferenciados, ou vários marcadores para um valor, é por isso que uma palavra não assume apenas um valor específico, pois, a depender da circunstância e de seu uso, ela pode sempre apresentar valores diferenciados.

O nível III é o das representações metalinguísticas. Neste nível é possível o acesso do linguista e é dele que se faz uso com a intenção de construir ferramentas metalinguísticas para, assim, representar os fenômenos textuais. Nesse processo é possível trazer ferramentas para sistemas de regras e de operações que permitirá dar conta da possibilidade de um determinado tipo de enunciado e a impossibilidade de outro. O nível III, de acordo com De Vogue (2011), reestabelece as relações entre o nível I e o nível II, considerando que não é possível acessar as operações cognitivas. No entanto, esse nível é restrito aos estudiosos da área, visto que falantes comuns não necessitam desse tipo de informação.

Resumidamente, só temos acesso ao nível III a partir do II, que, por sua vez, representa o nível I. Biasotto (2012) de forma sucinta nos esclarece os processos da atividade representação:

O Nível I é aquele das representações mentais (de ordem cognitiva e afetiva), ao qual nós não temos acesso. O Nível II, que é acessível ao linguista, é onde estão as representações das representações mentais, ou seja, constitui-se de traços da atividade de representação do Nível I. Por fim, há um terceiro nível, metalinguístico, que diz respeito às manipulações ou reformulações efetuadas pelo linguista. O Nível III é o nível formal, e é constituído por diversas ferramentas metalinguísticas (BIASOTTO, 2012, p. 84).

Passemos agora ao processo de referenciação. A referenciação é uma construção. Essa atividade propõe estabelecer à construção do valor referencial. Desempenha um papel na articulação do mundo interior com o exterior e não distingue entre conhecimentos linguísticos e extralinguísticos. É inseparável o modo como os sujeitos compreendem a realidade e a enunciam. Conforme Salviato-Silva (2007), embora possa ser vista como uma relação única entre E (objeto físico simbólico, podendo ser um enunciado gráfico ou sonoro) e E' (objeto simbólico e construído que representa o mundo físico e mental), trata-se de uma relação construída de ponto a ponto, e não de uma relação de princípio, melhor dizendo:

É preciso compreender que “carro” não é um objeto ingenuamente bem delimitado no espaço e que como linguistas, trabalhamos com problemas ligados à atividade simbólica e não com problemas ligados diretamente à realidade física, pois quando produzimos/reconhecemos enunciados podemos associar ao objeto “carro” outras experiências vividas. A referência dos objetos linguísticos não deve ser buscada de modo direto nos objetos do universo físico, mas é uma construção feita através da experiência individual sobre os objetos do mundo físico e mental (REZENDE, 1983, p.111).

No momento em que se constrói um termo num sistema de referência, é atribuído um valor referencial ao termo. Os valores referenciais serão atribuídos aos objetos linguísticos sempre em relação a um sistema referencial.

Dito isso, passemos agora para a atividade de regulação na qual podemos atribuir o nome de atividade epilinguística. De acordo com Pria (2009, p.34), essa atividade “coloca em jogo um conjunto de relações de alteridade entre as representações de um sujeito enunciador e de um co-enunciador em relação ao universo psico-físico-cultural”. Nessa relação entre sujeitos, um produz e o outro reconhece, mas é importante ressaltar que esse processo não é uma transferência de dados ou significação, e sim uma relação em que um constrói e o outro reconstrói a partir de suas próprias experiências.

Essa atividade, conforme Pria (2009) articula tanto a atividade de representação quanto a de referenciação, pois é uma atividade que remete à construção e reconstrução de significação e nem sempre enunciador e coenunciador constroem a significação do mesmo jeito.

A atividade epilinguística é uma atividade interna e não consciente, possível de ser representada por meio de uma forma (atividade de linguagem), conforme Rezende (2012), uma forma que sustenta as formas linguísticas, os enunciados, os textos, uma forma apreendida em termos de esquemas de operação. Nas palavras de Normand (2005, p. 110), citado por Romero (2012, pg. 155) o epilinguístico é como:

[...] uma anamorfose permanente que age de tal maneira que, em um dado momento, para uma dada língua, haverá decisões, isto é, trajetos, escolhas necessárias e, neste momento, você está no linguístico. E se, como linguista, você refletir explicitamente colocando-se em uma posição exterior, você cai no metalinguístico, o que faz com que naturalmente o metalinguístico esteja, em alguns casos, na língua – a metalinguagem está na língua – mas, por outro lado, tenha um custo, tenha sempre uma redução, se empregarmos metalinguístico no sentido estrito (NORMAND, 2005, p.110)

Concluimos essa seção resumindo que as atividades de representação, referenciação e regulação acontecem na linguagem ao mesmo tempo e depois podem ser apreendidas através dos enunciados que é o meio para o linguista realizar o seu trabalho no nível metalinguístico.

## 2.4 O Enunciado

A partir da atividade de linguagem, os enunciados são produzidos e essa atividade de linguagem pode ser apreendida. Por essa razão, o enunciado e todo o jogo em torno de suas condições de enunciação ganham posição de destaque nesta abordagem. Para Culioli (1999b, p. 44), “enunciar é construir um espaço, orientar, determinar, estabelecer uma rede de valores referenciais, em resumo, um sistema de determinação”<sup>10</sup>. Nas palavras do teórico, enunciado é:

um agenciamento de marcas que são, elas mesmas, traços de operações, quer dizer, é a materialização de fenômenos mentais aos quais nós não temos acesso, e dos quais nós, linguistas, só podemos dar uma representação metalinguística, isto é, abstrata. (CULIOLI, 2002, p.27).<sup>11</sup>

O teórico define o enunciado como um construto teórico. Daí deriva a distinção entre frase e enunciado. De acordo com Zavaglia (2002, p.27) a frase está relacionada com as regras que definem a relação predicativa, enquanto o enunciado resulta da localização de uma relação predicativa numa situação de enunciação. Não há parentesco entre as regras de boa formação dos enunciados e das frases. Cumprí (2012) nos apresenta uma definição transparente da distinção entre frase e enunciado na semântica enunciativa:

Culioli não confunde frase e enunciado e não assimila as regras de boa formação da relação predicativa às regras de boa formação da relação enunciativa. Enquanto a frase é definida por regras de boa formação que gerem essencialmente a relação predicativa, o enunciado é uma relação predicativa recuperada em relação a um sistema de coordenadas enunciativas. Ressaltando que as regras de boa formação enunciativa não são, necessariamente, as mesmas regras da boa formação frasal, Culioli (1999a, p. 129) aponta

---

<sup>10</sup> Original: Énoncer, c'est construire un espace, guider, déterminer, établir un réseau de valeurs de référence, bref, un système de détermination.

<sup>11</sup> Original: “c'est un agencement de marqueurs, qui sont eux-mêmes la trace d'opérations, c'est-à-dire, que c'est la matérialisation de phénomènes mentaux auxquels nous n'avons pas accès, et dont nous ne pouvons, nous linguistes, que donner une représentation métalinguistique, c'est-à-dire, abstraite”



uma sequência como “O gato come bolos como uma frase bem formada, a qual para ser um enunciado igualmente bem formado, necessitaria possuir um localizador, uma marca que recuperasse uma situação singular, como em: “Mamãe, veja, o gato está comendo os bolos” (CUMPRI, 2012, p. 39)

Nessa perspectiva, o enunciado é apreendido em seu valor singular e não é uma categoria pronta. A subjetividade é estabelecida por meio das formas que, por sua vez, constituem o enunciado, que deve ser entendido como “um arranjo de formas a partir das quais os mecanismos que o constituem como tal podem ser analisados no âmbito de um sistema de representação formalizável, como um encadeamento de operações do qual é vestígio” (FRANCKEL, 2011, p. 44).

#### **2.4.1 Etapas de constitutivos de um enunciado**

O esquema de léxis<sup>12</sup> aparece em todos os níveis de construção do enunciado. É definida como uma estrutura de uma tripla, pois envolvem três relações: a relação primitiva, a relação predicativa e a relação enunciativa.

#### **2.4.2 Relação primitiva e o esquema da léxis**

A léxis estabelece a relação predicativa elementar da construção do enunciado. Ela é oriunda de uma relação primitiva que deve estar englobada em todo e qualquer enunciado. A léxis não é o próprio enunciado, pois ela ainda não está situada em um espaço enunciativo de um referencial, mas sempre que for necessário restaurar a origem do enunciado, é preciso retomar o esquema de léxis. O ponto de partida do processo de construção do enunciado é o esquema de léxis.

Conforme Culiloli (1990a), a léxis é uma relação que anterior ao predicado<sup>13</sup> e é através dela que é possível teorizar e construir uma relação primitiva. A léxis é representada por  $\langle \xi_0, \xi_1, \pi \rangle$  é composta de dois argumentos ( $\xi_0, \xi_1$ ) e de um relator ( $\pi$ ). De acordo com Vignaux (1988), a léxis é anterior a qualquer tipo de categorização em termos de nome, verbo, adjetivo. O esquema de léxis atua como um filtro lexical que seleciona propriedades das noções as quais os termos remetem. Por não ser um enunciado, a léxis tem capacidade de gerar uma família de paráfrases

---

<sup>12</sup> Acrescentamos o acento agudo ao termo original *lexis* do francês. Essa forma adaptada é que utilizaremos neste trabalho.

<sup>13</sup> Elemento esse que constrói um termo de partida e um localizador.

(esquema formal de gerar de enunciados). A variação será o resultado da instanciação da léxis em diferentes situações de enunciação. Cada termo da léxis se refere a uma noção<sup>14</sup> e essa relação entre noções possibilita a organização de domínios nocionais<sup>15</sup> (CULIOLI, 1999a, p. 101).

Podemos dizer que a formação da léxis é a passagem do mundo para a língua, melhor dizendo, do pré-linguístico para o linguístico, e visa direcionar a relação entre os termos da origem (a) para o objetivo (b). Os termos da léxis representam os universos linguístico e extralinguístico, pois remetem às noções. Ela é um esquema formal e primitivo que oportuniza alguma coisa ser esquematizado no nível do dizível, de acordo com Culioli (1976). Desse modo, o primeiro argumento ( $\xi_0$ ) representa a origem da relação e o segundo argumento ( $\xi_1$ ) representa o objetivo.

A partir da direção dada aos termos, um sentido entre noções começa a se constituir. Por isso os termos são indeterminados visto que ainda não foram localizados em relação a uma situação de enunciação e a categorização e a determinação semântica ainda não está configurada. Depois do processo da léxis, inicia-se a segunda etapa: a relação predicativa.

### 2.4.3 Relação predicativa

A relação predicativa caracteriza-se em um segundo momento na etapa da constituição de um enunciado. Uma relação primitiva pressupõe toda relação predicativa. Sabemos que, na formação do esquema da léxis, é possível gerar várias relações predicativas. O elemento que vai ordenar em torno do enunciado, ou seja, o elemento que será o ponto de partida, será uma decisão do enunciador privilegiar um ou outro elemento. Vale lembrar que essa escolha não é aleatória e vai depender de pré-construtos e de perguntas às quais os enunciados são respostas. Por exemplo, a partir da léxis: <Pedro, passar, carro>, podemos ter entre outras organizações:

1. Pedro passou o carro para o amigo.
2. O carro foi passado por Pedro para o amigo.

No exemplo 1, “Pedro” é o ponto de partida, no exemplo 2, “o carro” é o ponto de partida. Não existe necessariamente correspondência entre a organização da léxis e a organização do enunciado:

---

<sup>14</sup> Culioli (apud FRANCKEL, 1998, p. 56), define a noção como “um feixe de propriedades físico-culturais, sem lhe conferir um estatuto, propriamente dito, linguístico, apresentando-a como uma entidade híbrida, entre o mundo e as representações culturais de um lado, e a língua, do outro”.

<sup>15</sup> O domínio nocional é construído por ocorrências cujas propriedades as colocam no interior, no exterior ou na fronteira do domínio.

a léxis tem a propriedade de gerar formas derivadas, ou seja, uma família de relações predicativas que se constituem em uma família parafrástica de enunciados. Nas palavras de Aguilar (2007), o enunciado:

vai organizar seu pensamento em relação a uma situação e em relação ao co-enunciador, orientando a relação, escolhendo o ponto de partida do enunciado. Na localização desse termo de origem, ou de referência, identificamos o termo próprio para determinada situação de enunciação por meio da diferenciação baseada na alteridade: “algo é”, considerando o que “não é”. Acionam-se nesse momento três relações: “identificação”, “diferenciação” e “determinação”. (AGUILAR, 2007, p. 53).

No exemplo “Pedro passou o carro para o amigo”, “Pedro” é o elemento delimitador e “carro” é o elemento delimitado. A identificação é oriunda da determinação: no instante que um determinado elemento é delimitado, também é identificado entre outros, assegurando certa estabilidade daquilo que é delimitado e construindo ao mesmo tempo uma atividade de referências que implica uma atividade de diferenciação. Tomemos o mesmo enunciado: “Pedro passou o carro para o amigo”; o objeto que o “Pedro passou” e que o enunciador reconhece possui propriedades referenciais estáveis que permitem identificá-la como um “carro”, diferenciando-a, por exemplo, de uma moto, que representa um possível “outro”. Passemos agora a terceira etapa do processo de construção do enunciado: a relação predicativa.

#### 2.4.4 Relação enunciativa

No processo da constituição do enunciado, a relação enunciativa configura o terceiro e último momento dessa etapa. Desse modo, o enunciado será o produto da localização da léxis, representada por  $\lambda$ , em um sistema formal de coordenadas enunciativas, representado por Sit. A localização de uma léxis, nas palavras de Pria:

A léxis ( $\lambda$ ) em relação a uma Sit é representada de modo simplificado pela notação  $\langle \lambda \in \text{Sit} \rangle$ . Assim, a partir de relações orientadas (relação primitiva) e ordenadas (relação predicativa) precedentes, localizadas em relação a um sistema de coordenadas enunciativas (Sit), é possível derivar uma família de relações predicativas e possivelmente uma família de enunciados em relação parafrástica (PRIA, 2009, p.45).

Devido ao esquema da léxis e a operação de localização, a significação é constituída a cada situação de enunciação. A variação da organização nocional está para a variação das coordenadas enunciativas e vice-versa. O enunciado nesse processo funciona como um agenciador de marcadores de operações. Levando em conta que, nessa etapa, o ponto zero de categorização, o esquema de léxis está no ponto de partida do processo de construção do enunciado.

## 2.5 Estado zero de categorização

Para tratar desse conceito, é necessário falar de Saussure (2006). Para o teórico, a língua é um produto pronto e cabe ao sujeito reproduzir. O teórico define a língua “como um sistema de signos linguísticos, que funciona como leis internas e próprias, e não se relacionam com o que lhe é exterior” (SAUSSURE, 2006, p. 24). Em contraponto, para Culioli (1976) a língua é um código estável e é necessário excluir o sujeito do processo de construção desses hábitos. Contrariando o pensamento de Saussure, Culioli (1976) afirma que todas as línguas do mundo poderiam ser codificadas e decodificadas sem que houvesse algum mal-entendido. Ora, mesmo pessoas muito próximas e que fazem arranjos léxico-gramaticais semelhantes num diálogo simples do dia a dia, existe a possibilidade de não serem compreendidas. Esse fato está presente na língua o tempo todo, estamos sujeitos ao mal-entendido. A variação é algo muito natural, ela é de natureza das línguas, ou seja:

é o próprio movimento da linguagem. A diferença ou variação individual entre os interlocutores, que é condição indispensável para o ato de fala básico, é a mesma diferença/variação, em escala mais ampla, das variações dialetais dentro de uma mesma língua e é a mesma diferença/variação que gera as diferentes línguas (REZENDE, 1989, p. 148).

Na organização das línguas, os responsáveis por essa aproximação são o léxico e a gramática, pois as categorias não se correspondem de uma língua para outra. As categorias não estão dadas inicialmente, elas não antecipam à trajetória de construção da qual são senão o resultado. Mesmo notando, na superfície das línguas, categorias como verbos, adjetivos, artigos, é preciso reconhecer que isso é possível devido ao trabalho de gramáticos, linguistas, filósofos e outros, apesar de outros processos serem descartados sob a ótica do regular que, nesse caso, se confunde com redundante. E é através desse trabalho gerador de processos de categorização (“regulares” ou não; “redundantes” ou não) que se pretende observar, através de uma teoria da atividade de linguagem como a TOPE. Hoje, a origem das categorias que conhecemos é maleável e variável. Franckel (2011, p. 25) diz que, se o critério da “regularidade” lhes atribui alguma estabilidade, isso se deve ao procedimento teórico-metodológico adotado, e não à essência dos objetos. Nesta abordagem, as propriedades dos objetos se definem na e pela interação.

Nessa direção, a TOPE propõe que trabalhemos com categorizações e não com categorias (aquelas ofertas pelas gramáticas). A categorização rege a variação e a diferença linguística.

Assim, sempre haverá um processo predominante de regulação, permitindo a comparação e análise das palavras e das categorizações.

## 2.6 As operações de determinação na linguagem: quantificação e qualificação

Existe uma passagem do estado zero de categorização para a anexação das categorias. Os dados não se limitam à superfície dos enunciados bem como não apresentam algum grau de complexidade. O ponto de acesso às operações da linguagem é a superfície. É o ponto a que se chega quando se parte daquelas operações. A superfície traz marcas de operações elementares como a determinação que diz respeito à quantificação e qualificação, e as operações de extração, flechagem e varredura.

Para se compreender como a operação de determinação se constrói, Culioli (1999b) apresenta os conceitos de operação quantitativa (QNT) e qualitativa (QLT). Ressaltamos que a proposta dessa operação não se refere à classificação das unidades, mas, ao conjunto de operações elementares que na maioria das vezes não estão visíveis na superfície das línguas.

A operação QNT é uma operação que constitui a representação de algo que pode se distinguir em um espaço de referência (CULIOLI, 1999). Conforme explica o teórico a quantificação:

remete, não à quantificação lógica, mas à operação pela qual se constrói a representação de alguma coisa que se pode distinguir e situar em um espaço de referência. Alguma coisa não se refere ao inanimado (por oposição a alguém), mas remete a um estado (interno ou externo) do qual se pode dizer que se distinguirá de outro estado, que implicará, então, descontinuidades, que será localizado (no sentido abstrato do termo) em um domínio de representações. Poderíamos dizer de outro modo: alguma coisa remete a uma ocorrência que, seja qual for, um sujeito possa apreender, discernir (perceber como uma forma singular em relação ao meio), distinguir (eliminar a indeterminação) e situar (um sujeito situa essa alguma coisa em um espaço-tempo, que pode ser imaginário) (CULIOLI, 1999b: 82)<sup>16</sup>

O objetivo da operação de quantificação é fragmentar uma noção P e a sua individualização em relação a uma classe de ocorrências dessa noção num espaço enunciativo. Nesse espaço é trazida a existência de alguma coisa que não existia até então. São construídas ocorrências dessa noção na produção/reconhecimento de enunciados por meio dessa fragmentação.

---

<sup>16</sup> Original: La quantification se réfère, non à la quantification logique, mais à l'opération par laquelle une représentation de quelque chose qui se détache et est placé dans un espace de référence est construite. [...] quelque chose ne renvoie pas à l'inanimé (propre à quelqu'un), mais renvoie à un état (interne ou externe) à partir duquel on peut dire qu'il se distinguera d'un autre état, ce qui impliquera alors des discontinuités, qui (au sens abstrait du terme) dans un domaine de représentations. On pourrait le dire d'une autre manière: quelque chose renvoie à un événement que, quel qu'il soit, un sujet peut appréhender, discerner (percevoir comme une forme singulière par rapport à l'environnement), distinguer (éliminer l'indétermination) et situer (un sujet cette situation chose dans un espace-temps, qui peut être imaginaire)

E é devido à fragmentação que passamos de uma qualidade indiscernível a uma qualidade fragmentada de ocorrências distintas.

A operação de qualificação de acordo com Culioli, não é apenas satisfazer-se em adicionar um qualificativo, mas em acionar um encadeamento complexo de operações (CULIOLI, 1999).

Nessa direção, a QLT acontece quando se efetua uma diferenciação ou uma identificação sobre alguma coisa, isto é, a qualificação afeta alguma coisa existente (pré-construída), ampliando o que se sabe sobre alguma coisa. Tomemos o exemplo: “Olhe um gato”. Temos a identificação entre duas ocorrências do domínio nocional de <ser gato>, primeiramente a identificação que especifica a ocorrência, mostrando que gato refere-se ou localiza-se em relação a <gato>.

Dito isso, as operações de determinação proporcionam estabelecer procedimentos de resolução de problemas na qual permite tratar do complexo. Isso não quer dizer que extinguir as deformações e as interações, pois não existe perfeição na metalíngua.

### **2.6.1 Operação de extração**

A extração é uma operação que permite ao sujeito enunciador isolar um ou mais elementos de uma classe de ocorrências, isolar uma quantidade de uma classe de quantidades, localizando-as em relação a uma situação o que seria a extensão da noção. A determinação qualitativa é fornecida pela definição nocional da classe. A diferença entre o único e múltiplo é que no primeiro, tem-se uma identificação qualitativa e no segundo tem-se uma diferenciação quantitativa. Como exemplos tomemos os enunciados marcados pelo determinante “um”: “um gato passou na minha frente”, “um copo caiu do armário”, etc. No caso de uma quantidade de uma classe de quantidades marcada pelo determinante “zero”, citaremos exemplos dados por Aguilar (2007): “carne vermelha faz mal”, “leite engorda<sup>17</sup>”.

### **2.6.2 Operação de Flechagem**

A operação de flechagem se concretiza após a operação de extração e incide na identificação de uma ocorrência decorrente de determinada noção com uma ocorrência anterior a ela, inicialmente rementem às mesmas propriedades P.

---

<sup>17</sup> Esses exemplos foram retirados da tese de doutorado de Aguilar.

Se a segunda ocorrência se identifica com as propriedades da primeira ocorrência, temos então a operação de flechagem. Considere-se o exemplo:

Por meio da flechagem, num enunciado, podemos identificar uma segunda ocorrência com a primeira: “Ouvi o miado de um gato. Fui até o quintal e avistei o gato que, além de miar, mexia no lixo” (é um gato, animal como os demais da espécie, e tem a especificidade de ter miado e mexido no lixo, no quintal de alguém). (AGUILAR, 2007, p. 74, grifos do autor).

Através do exemplo, observa-se que não se trata de uma ocorrência qualquer de /gato/ e sim de uma ocorrência específica, porque já era conhecida antes.

### 2.6.3 Operação de varredura

Segundo Culioli (1999b), essa operação consiste em percorrer todos os valores de um domínio sem se estacionar em nenhuma delas, ou seja, percorre-se um domínio de ocorrências de P sem poder se ater a um valor distinto em relação a uma situação particular. Assim,

[...] ‘todo cão tem quatro patas’; ‘todo cão late’. São considerados todos os elementos sem a escolha deste ou daquele elemento. Como exemplos de determinantes dessa operação, temos: “cada”, “todo”, “toda”, “qualquer”, “sempre”, “nunca”, “jamais”, etc. Essa operação está ligada à construção de uma classe de ocorrências abstratas de uma noção (todos os valores possíveis sem querer ou poder distinguir tal ou tal entre eles). É um tipo de “julgamento do predicado”, sem ter que assinalar um valor específico, individualizado. Tomemos como exemplos: “cada livro tem o seu preço”; “todo bebê quer carinho”. Observamos aqui um tipo de generalização dentro de cada classe: “todos os livros que são livros têm seu preço”; “os bebês que são bebês querem carinho”. No caso das expressões nominais genéricas (já possuem a generalização), o artigo constitui uma operação de varredura. Por exemplo: “O homem é mortal” (um homem é mortal; os homens são mortais; todos os homens são mortais; qualquer homem é mortal). (AGUILAR, 2007, p. 75, grifos do autor).

É uma operação em que sua negação fica fora do domínio nocional e se direciona ao exterior do domínio. Nesse processo, partimos dos valores positivos possíveis ligados a uma referência estável ao que corresponde à ausência de diferenciação. A partir disso, caminha-se para o gradiente e guia ao “verdadeiramente”, passando pelo “não verdadeiramente”. A operação de varredura é diferente das operações de extração e flechagem, pois percorre-se todos os valores observáveis de classe de ocorrências abstratas no interior de domínio sem haver extração e nem identificação.

## 2.7 Noção

A noção é um reflexo do processo de representação e ao mesmo tempo um sistema de representação, ela remete à definição culioliana de linguagem: a capacidade humana de representar, referenciar e regular (ZAVAGLIA, 2012, p. 69). Do ponto de vista linguístico as noções são abordadas como entidades cognitivas apreciadas não só por uma dada cultura, mas também por condições enunciativas e só podem ser apreendidas através de ocorrência fenomenológicas, em eventos enunciativos (PRIA, 2009, p. 51).

Logo, as noções são compostas por propriedades físico-culturais ou propriedades primitivas que podem variar de uma cultura para outra (CULIOLI, 1976). As noções não coincidem com as palavras, ao contrário, elas são captadas pelas palavras, ou seja, “as palavras são representantes das ocorrências abstratas da noção” (ZAVAGLIA, 2002, p. 51). As noções não equivalem a elementos lexicais. Não há coincidências entre determinadas palavras e determinadas noções. A noção não está acessível senão através de suas ocorrências fenomenológicas. As noções segundo Culioli (2010) é “indivisível” e “não saturada”:

*A noção se apresenta neste nível: a) como indivisível, ou seja, como não fragmentada, tomada em bloco (característica do trabalho intencionado); b) como não saturada remetendo assim a um esquema predicativo à espera de uma instanciación que traria consigo necessariamente a construção de uma ocorrência de P. Podemos designá-la mediante a expressão ter a propriedade P. (CULIOLI 2010, p.121- grifos do autor).<sup>18</sup>*

As noções existem, mas não consistem em algo material ou dizível. Elas são os próprios sistemas de representações e só é possível ser apreendida através de suas realizações particulares que são suas ocorrências, a noção em si mesma indizível. E é dessa maneira que o linguista procura construir um sistema metalinguístico de representações que se articule com a diversidade das línguas naturais. E através dessa articulação entre a linguagem e as línguas naturais que se origina a formação de uma noção. Desde os primeiros anos de vida essa atividade de representação e o produto dela estão presentes e é por isso que nem nos damos conta de como esse processo ocorre.

Uma noção envolve um conjunto de propriedades culturais estáveis que se relacionam com o conhecimento de mundo e a elaboração da experiência empírica de cada indivíduo. Elas também se organizam através de marcas modalizadoras com objetivo de disponibilizar uma

---

<sup>18</sup> Original: La *noción* se presenta en este nivel: a) como *insecable* es decir, como no fragmentada, tomada en bloque (característica del trabajo en intensión); b) como *no saturada* remitiendo así a un esquema predicativo a la espera de una instanciación que traería aparejada necesariamente la construcción de una ocurrenciade-P. Podemos designarla mediante la expresión *tener la propiedad P*.



complementação desejada, porém que nem sempre está disponível na cultura. As noções são observadas, por meio dos ajustes realizados entre aquilo que é estável e aquilo que é deformável. Assim sendo, a noção constitui-se na medida em que promove a criação de um domínio de referência<sup>19</sup>, na qual conhecemos como domínio nocional. Nesse domínio, os constituintes ajustam-se uns em relação aos outros em função de fatores extralinguísticos.

### 2.7.1 A ocorrência

Para que uma noção se materialize em ocorrências fenomenológicas, ela passa pela construção de ocorrências abstratas. As ocorrências da noção podem ser apreendidas nos planos fenomenológico e linguístico (metalinguísticos). De acordo com Culioli (1990), o linguista não tem acesso às ocorrências fenomenológicas. As ocorrências estão relacionadas à constituição de propriedades dos objetos e são elas as responsáveis por trazer a existência de objetos com os quais entramos em contato desde a infância. De acordo com Pria (2009), a participação desses objetos em vários fenômenos e a manipulação dos vários tipos de composições desses objetos é fonte de processos cognitivos de categorização e da construção de representações no interior de uma cultura.

Segundo Culioli (1999b), a contemplação da noção sob forma de linguagem, pode-se dizer que é passagem a uma materialidade e simultaneamente ocorre uma atividade de referenciação. Conforme o teórico o linguista não tem acesso a essa passagem, mas aos traços dessa passagem que constituem os arranjos de formas. Assim sendo, a passagem de uma representação mental a uma atividade permitindo referir, corresponde a um “colocar em forma” da noção, a uma operação quantitativa (QTN) sobre a noção. E esse processo se dá de três formas:

1. Ela se funde sobre uma operação de construção ligada à predicação de existência, tal como marca, em particular, a locução *ser...*, ou *haver*. Assim, QNT corresponde à construção de uma ocorrência (por extensão, de uma classe de ocorrências abstratas). Dessa maneira, uma ocorrência é um acontecimento enunciativo que delimita uma porção de espaço/tempo especificada pela propriedade P. Inversamente a propriedade P está inserida em um texto graças a um jogo de determinações que lhe dá um estatuto de ocorrência; 2 ela vai de par com a quantificação (ou fragmentação); 3.QNT corresponde a um modo de apreensão de QLT por meio ou sob o modo de um agregado de ocorrências de P (classe de ocorrências). (CULIOLI 1999b, p. 10-11, grifos do autor)<sup>20</sup>

<sup>19</sup> Se refere à atividade de referenciação.

<sup>20</sup>Original: 1. Elle repose sur une opération de construction liée à la prédication de l'existence, car elle marque, en particulier, la phrase être ..., ou être. Ainsi, QNT correspond à la construction d'une occurrence (par extension, une classe d'occurrences abstraites). Ainsi, une occurrence est un événement énonciatif qui délimite une portion d'espace / temps spécifiée par la propriété P. A l'inverse, la propriété P est insérée dans un texte grâce à un ensemble de

A existência, de acordo com o linguista, pode corresponder de duas maneiras: A primeira é a passagem do nada a alguma coisa, sem conter grau na existência. A segunda é que a existência pode corresponder a uma forma de extração. E quando é demarcada a existência de uma entidade, outras podem ser demarcadas, assim como uma entidade pode também se autodemarcar.

Uma ocorrência é um acontecimento enunciativo que delimita uma porção de espaço/tempo especificada pela propriedade P, para ser mais específico, QNT trata-se de uma correspondência a um modo de apreensão de QLT (CULIOLI, 1999b, p. 11). Durante a construção de uma ocorrência, conforme Gilbert (1999) é preciso tratar de dimensões pertinentes tais como quantitativa e qualitativa. Para o teórico:

A primeira constrói a ancoragem situacional da ocorrência, é há, portanto, traço da sua manifestação, sua existência (real ou imaginária). A segunda constrói sua estruturação subjetiva. Essa estruturação consiste na avaliação de uma ocorrência em relação a um protótipo, ou seja, distingue-se um tipo de ocorrência de outro tipo. Uma segunda dimensão qualitativa será pertinente na construção de uma ocorrência. Essa dimensão, ao invés de distinguir um tipo de ocorrência de uma ocorrência de outro tipo, distingue uma ocorrência de certo tipo de uma ocorrência do mesmo tipo. Assim, se a primeira dimensão qualitativa é característica da identificação de ocorrência, já que é “por identificação, [que] o sujeito estabelece que uma ocorrência a é uma ocorrência da noção A” (CULIOLI, 1990, p. 96), a segunda dimensão coloca em questão a diferenciação de ocorrências possíveis e imagináveis umas em relação às outras, no interior do domínio nocional. (GILBERT, 1999, p. 01)

A função desse domínio, segundo Pria (2013, p.57) é estruturar classes de ocorrências da noção em um espaço topológico composto por um interior (“o verdadeiramente p”), por um exterior (“o verdadeiramente não-p”) e por uma fronteira (“p até determinada extensão” e “não-p até determinada extensão”).

## 2.8 A modalidade

Na TOPE a modalidade é uma categoria gramatical. E é através da modalização que o sujeito enunciador consegue dar forma à enunciação. Conforme Culioli (1976), é aqui que ocorre a realização de operações cujo enunciador é capaz de especificar o grau e as condições de validade da sua predicação. O teórico destaca a existência de 04 tipos de modalidades: 1) Assertiva 2) epistêmica 3) apreciativa 4) intersubjetiva.

---

déterminations qui lui donne un statut d'occurrence. 2. il va de pair avec la quantification (ou la fragmentation); 3.QNT correspond à une manière d'appréhender QLT à travers ou sous la forme d'un agrégat de P occurrences (classe d'occurrences).

- 1) **A modalidade 1 é a assertiva:** resumem-se em (enunciados afirmativos e negativos), interrogativas e injuntivas. Nessa modalidade, o sujeito enunciador possui de dois valores (verdadeiro/falso ou afirmativo/negativo) e pode fazer a opção de um ou outro. Essa modalidade é essencial devido aos fenômenos de tematização no nível predicativo, relacionados às condições que autorizam colocar o positivo e o negativo como referenciável. Nos exemplos: “Pedro passou na minha casa ontem”; “Pedro não passou na minha casa ontem”. Na modalidade interrogativa são apresentados dois valores possíveis pelo sujeito enunciador, deixando para o co-enunciador a escolha desse valor. Na maioria das vezes não há a escolha entre um ou outro, e isso faz com que se crie indeterminação, ou incerteza. Exemplos: “Ele passou todo o dinheiro para o assaltante?”, podemos ter, entre outras respostas: “Sim, ele passou”; “Não, ele não passou”; “Sei lá”; “Acho que sim”. Na injunção, tem-se qualquer coisa que não é nem assertiva nem interrogativa, mas algo corrobora com ambas. A injunção abrange o pedido, a ordem, a súplica, a sugestão, como ocorre, por exemplo, em “Por favor, passe na casa de Pedro e entregue este livro!”.
- 2) **A modalidade 2 é a epistêmica.** É marcada pela incerteza do enunciador (domínio do possível, do provável e do eventual). Envolvem acontecimentos que os enunciadores consideram como suscetíveis de tornarem-se fatos sob certas condições (possibilidade de serem validados). De um lado, o necessário, o possível; e de outro, o certo, o provável, o eventual. Por exemplo: “Pedro passará no dentista amanhã?”.
- 3) **A modalidade 3 é a apreciativa.** Abrange as modalidades de natureza apreciativa: julgamentos favoráveis, desfavoráveis, envolve a avaliação, ou seja, a posição do sujeito enunciador frente de uma situação. Exemplo: “Eu acho bem provável que Pedro passe aqui em casa ainda hoje”.
- 4) **A modalidade 4 é a intersubjetiva.** É composto pelas modalidades de natureza intersubjetiva e determinam uma relação direta entre sujeito enunciador e co-enunciador. Esse tipo de modalidade agrupa o deôntico, a vontade, a permissão, bem como abre espaço para a modalidade do tipo 1, a injunção. Por exemplo: “O policial pode passar por aqui e apreender meu carro”.

### 2.8.1 O aspecto

O aspecto é uma categoria gramatical da linguagem. Nessa direção, “uma categoria gramatical se define como a correspondência entre um conjunto de operações sobre um domínio

nocional complexo e os marcadores de operações (CULIOLI, 1999a, p. 130)<sup>21</sup>. Dessa forma, os marcadores aspectuais não corresponde a etiquetas que estabilizam um termo. Eles são traços de operações de base. Conforme Aguilar (2007, p. 83) o aspecto:

como categoria recobre problemas em todas as dimensões: o modo do processo (que envolve a questão da fronteira e da mudança de estado); problemas ligados à diátese; problemas que incidem sobre quantificação/qualificação; problemas ligados à modalidade; problemas que incidem sobre a topologia do tempo; problemas ligados à operação de determinação.

Por meio da reconstrução dessas operações que é possível contemplar a atividade de linguagem. Vignaux (1995, p. 580) acrescenta que as operações aspectuais remetem a espaços que se constroem em um percurso enunciativo, desde um momento origem até um momento visado, esperado ou atingido. Na aspectualidade, por meio de jogos de temporalidade introduzidos do processo, será possível modular o certo, o possível, o hipotético e o improvável. São modulações sobre o tempo e o espaço de construção das representações. Dito isso, é mediante as operações aspectuais o sujeito enunciador consegue dizer como se apresenta o processo, o que se pode observar através de um nome, adjetivo, verbo, advérbio.

## 2.9 A asserção

A asserção significa: eu (sujeito enunciador) digo: “Pedro passou a roupa ontem” e eu (sujeito enunciador), dizendo isso, assumo essa relação, validando-a, quer dizer, transformo uma predicação em uma asserção. Portanto, essa relação houve, existiu, aconteceu em um momento anterior ao momento em que o sujeito enunciador disse o enunciado. É em relação à situação origem: sujeito, espaço e tempo, que a relação é validada. Pedro (sujeito do enunciado) pode (na realidade) não ter passado a roupa. Pode ser mentira. Isso pouco importa. O problema da verdade não se coloca, mas o da validação.

A validação de um enunciado está na dependência do ato de dizer. Tal ato de dizer é, por sua vez, uma forma de fazer, um modo de ação. Mas dependendo da concepção de linguagem, defendemos que é uma concepção de linguagem na qual necessariamente a realidade é elaborada pela percepção do sujeito que fala, a própria dicotomia realismo e nominalismo pode estar equivocada e ser questionada.

---

<sup>21</sup> Original: Une catégorie grammaticale est définie comme une correspondance entre un ensemble d'opérations sur un domaine notionnel complexe et les marqueurs d'opérations

De acordo com Rezende (2000), a asserção desempenha um papel fundamental na construção do enunciado. A asserção é a marca do homem na língua. A prioridade dos predicados sobre os nomes e a análise operatória da língua são consequências da colocação da asserção como base de análise e harmonizam-se com uma concepção construtivista da linguagem, em que o homem que fala é o seu principal fundamento.

Por um lado, a asserção constitui-se em uma operação linguística fundamental, uma marca linguística, e por outro, que devemos necessariamente explicitar e para a qual reservar, dentro de um modelo formal, um espaço privilegiado. É a asserção que ainda hierarquiza as partes de um enunciado dando-lhe unidade. Dito de outro modo, a asserção, sendo de natureza enunciativa, organiza o enunciado do ponto de vista da sintaxe (ordenação) e da semântica (orientação).



## SEÇÃO II:

### 3 UM PONTO DE PARADA: O ESTUDO DOS VERBOS

Embora seja sempre lembrando como palavra que denota ação, o verbo indica ainda uma série de outros fenômenos ou processos (PASQUALE E ULISSES, 1999, p. 120)

Tomamos como ponto de partida a afirmação dos autores acima, pois concordamos, em oposição a algumas teorias cognitivas dominantes no que se refere à teoria da linguagem. Acreditamos que a linguagem não deve ter como parâmetro um substrato semântico-cognitivo autônomo de que seja expressão: a linguagem é em si mesma, uma atividade de construção de sentido e de conhecimento (DE VOGUÉ, 2011, p. 277). Considerando categoria do verbo que propomos estudar, a afirmação da autora reforça aquilo que defendemos nesse trabalho: opomo-nos a qualquer caracterização fundamentada em uma categoria cognitiva supostamente pré-estabelecida, ou em considerações cognitivas que não tenham em conta a observação das formas linguísticas.

Em uma tradição de pensamento existem algumas perspectivas que se baseiam na classificação e uso “correto”. Nessa direção, percebemos que o legado dessa ideia do “correto” parte das reflexões metalinguísticas propostas pelos filósofos greco-romanos sobre a regularidade do uso das formas linguísticas. Ao estudarem os clássicos, os gregos acharam por bem considerar correto só o que estivesse de acordo com os clássicos. Isso ocorreu no séc. III a. C. aproximadamente, em Alexandria.

Nascia aí o certo/errado dos termos da língua que foram internalizados à gramática tradicional, produzindo cristalizações, tais como a ideia de que a sintaxe e a gramática seriam o lugar das regularidades, ou de que basta seguir a regra estipulada de ordenação dos elementos dados para obter uma frase correta na língua. Assim, temos a ideia do léxico como o espaço das singularidades, em que não é possível prever como ocorreram as trocas linguísticas. (SOUZA, 2018, pg. 35)

Com bases nesses propósitos, na próxima seção faremos um breve percurso histórico sobre a classe de palavras: verbos.



### 3.1 Histórico da delimitação da classe de palavras: Verbo

As classes de palavras originaram-se das categorias aristotélicas. Aristóteles criou as famosas categorias de pensamento, que deveriam dar conta de explicar o mundo real. A categoria é um modo de dizer a “coisa”. Assim, a categoria “substância” representaria a “essência”. Na gramática essa categoria tornou-se o substantivo, o “atributo” tornou-se o adjetivo, e assim por diante. O que hoje chamamos classes de palavras, inicialmente chamava-se “partes do discurso”.

Nesse ponto, ponderamos como oportuno refletir acerca da constituição da classe de palavras denominada como verbo, posto que a delimitação e conceituação verbal desde os estudos clássicos apresentam-se como um trabalho complexo, devido à sua variedade, conforme afirma (DE VOGUÉ, 2011). Podemos dizer que são partir dessas colocações que se originam as “restrições antagônicas que conduzem ora a sobrecarregar semanticamente a palavra para não perder nada de sua especificidade, ora a esvaziá-la para que possa abarcar a totalidade de seus empregos” (FRANCKEL; PAILLARD, 2011, p. 98).

As categorias gramáticas já tinham sido pensadas pelos filósofos, mas é na gramática que elas ganham espaço. Assim, o desenvolvimento da atividade metalingüística no ocidente contribuiu para os estudos lógicos e filosóficos que abordam questões sobre origem da linguagem (naturalismo e convencionalismo), a relação entre a língua e o pensamento (analogia e anomalia) e a definição da natureza da gramática (arte ou ciência).

Nos tempos remotos, nas gramáticas dos gregos, o verbo é definido por Dioniso, o Trácio (sec. II a.C), como a palavra indeclinável que indica tempos, pessoas, números representando ainda, ação praticada ou recebida. Steinhil (1981 *apud* Neves, 2002, n.p<sup>22</sup>) lembra que essa definição já foi posta em dúvida e que, na verdade, Dionísio considera o verbo a palavra (indeclinável) que indica um predicado capaz, de exprimir

---

<sup>22</sup> Tivemos acesso à obra **Gramática: história, teoria e análise, ensino** de Maria Helena de Moura Neves em formato de EBOOK (livro digital). O ebook não é paginado, por isso quando citarmos trechos da obra colocaremos a sigla: “n.p” que significa não paginado. O conteúdo está disponível em: <https://ler.amazon.com.br/?asin=B008RUN3XQ>



tempos, pessoas e números. Quanto ao tempo verbal Dionísio apresenta três: passado, presente e futuro; aponta cinco modos verbais: 1. indicativo. 2. imperativo, 3. optativo, 4. subjuntivo, 5. infinitivo. Ele não define esses modos, apenas relaciona no parágrafo sobre os verbos. Apresenta três vozes verbais: ativa, passiva e média. Em critérios nocionais, inserem na voz média flexões verbais que pertencem à ativa, como o perfeito de forma ativa e significação passiva (exemplo: *pépega* - afundar-se). Define a voz média como a que indica algumas vezes atividade, outra passividade. De fato, por definição, o verbo é considerado em Dionísio como palavra que indica ação praticada ou recebida. A voz média representaria, na verdade, apenas uma possibilidade de combinar as outras duas (NEVES, 2002, n.p)

Observamos que a obra de Dionísio apresenta uma sistematização que procura recortar o campo dos elementos da língua e distribuir de forma exaustiva em um quadro organizado. As entidades se apresentam de forma compartimentada, submetidas a classificações e subclassificações explicitamente declaradas. (NEVES, 2002, n.p)

A obra de Apolônio Díscolo (século II d.C), não apresenta uma gramática filosófica, especulativa, mas um trabalho filológico e “os elementos linguísticos são observados a partir da perspectiva relacional, uma vez que a sintaxe é considerada como o conjunto de regras que regem a organização dos elementos” (SOUZA, 2018, p. 37).

A definição de verbo segundo Apolônio é a seguinte: o nome e o verbo. O primeiro é o do nome porque exprime os seres (*somata*, “corpos”). O segundo exprime somente o estado particular, ativo ou passivo. Por isso o nome, segundo Apolônio, prevalece para ser aplicada a todas as palavras (NEVES, 2002, n.p). A gramática dos gregos deu início a outros estudos sobre a classe de palavras. A partir daí, originaram-se outros conceitos pertinentes em relação ao verbo para se abordar nesse trabalho.

Dito isso, é pertinente apresentar neste trabalho o conceito de valência visto que ela vincula à consideração da centralidade do verbo na análise de frase. A gramática de valências conhecidas como “gramática de dependências”, ou “teoria dos predicados”, teve sua origem atribuída a Tesnière (1969) na obra *Éléments de Syntaxe Structurale*. Essa gramática caracteriza-se pelas relações de dependência, descrevem todo o contexto estabelecido entre o predicador e seu escopo. Nesse viés, os verbos funcionam como predicadores dos adjetivos, substantivos e alguns advérbios.





Borba (1996) e Ignacio (2002) propõem a gramática de valências do português. Apoiando-se na centralidade verbal a oração é estruturada a partir da valência verbal, melhor dizendo, cada verbo dispõe de um número de elementos obrigatórios que possui valor sintático ou semântico. A obrigatoriedade dos elementos decorre para preencher as “casas vazias” da estrutura oracional. Esses elementos na gramática de “casos” efetuam funções semânticas tais como: instrumental, agente, paciente dentre outros. São chamados de “casos” ou “papéis” semânticos ou “papéis temáticos”. E no instante em que assumem funções de constituintes oracionais são também chamados de argumentos.

Ainda nessa perspectiva, um verbo pode ser analisado de duas formas: em função do número de complementos que exige e ao tipo de complementos que seleciona. Na primeira temos configuração quantitativa (valência quantitativa), a segunda configura-se em qualitativa (valência qualitativa). Assim o verbo *PASSAR*, por exemplo, poderá ser trivalente ou tetravalente, dependendo do número de elementos que se fazem necessários em sua realização. Pode, assim, exigir no mínimo três elementos (*Pedro passou no vestibular de Letras*), mas, há também a possibilidade de encontrarmos quatro elementos (*Pedro passou o carro para o pai e para o primo*). Nas palavras de Borba (1996), a valência quantitativa e qualitativa:

[..] valência quantitativa, sintática e semântica: a) refere-se a quantidade de argumentos necessários para o preenchimento dos “espaços vazios”. [...] um elemento lexical poderá ser aivalente ou monovalente, bivalente, trivalente ou tetravalente. b) valência sintática, qualitativa ou morfossintática leva em consideração as particularidades dos actantes, ou seja, da ocupação do espaço vazio por determinadas classes com suas propriedades morfológicas; c) decorre da necessidade de traços que caracterizam os argumentos. (BORBA, 1996, pg 46-57)

Num exemplo dado pelo referido autor um verbo como “trabalhar”, pode selecionar apenas um elemento codificado sintaticamente como sujeito e semanticamente como agente: “Pedro Trabalha”<sup>23</sup>. A gramática de valência harmoniza-se com a perspectiva funcionalista e permite analisar a língua em uso em que elementos podem ser exigidos pelos verbos dependendo do que pretendemos comunicar. Estuda a língua em percurso e não trabalha com categorias discretas e a representação sintático-semântica dos verbos. É descrita por meio de uma análise do contexto, bem distante das descrições de cunho formalista, que vemos na gramática tradicional.

<sup>23</sup> Exemplo dado por Borba (1996)



Na próxima seção, apresentaremos algumas definições disponibilizadas em gramáticas de Língua Portuguesa do Brasil acerca do tratamento conferido à classe verbal.

### **3.2 O verbo nos estudos da gramática**

Pria (2009, p. 76-77) destaca a distinção entre gramática tradicional (GT) e gramática normativa (GN). A primeira está o conceito de classes de palavras, denominadas também de categorias gramaticais também chamadas partes do discurso. A segunda inclui o adjetivo e substantivo numa mesma classe (a dos nomes) distinguindo-os pela posição no sintagma nominal: o substantivo ocupa o núcleo do sintagma nominal.

Verbos significa, originalmente, “palavra”. Segundo Neves (2000) os verbos tem certa importância na formação de uma oração, considerado seu termo essencial, os verbos, em geral:

Constituem os predicados das orações. Os predicados designam as propriedades ou relações que estão na base das predicções que se formam quando eles se constroem com os seus argumentos (os participantes da relação predicativa) e com os demais elementos do enunciado. (NEVES, 2000, pg.25)

Para a autora, o verbo apresenta três subclassificações que constituem predicados:

- (a) Subclassificação semântica das predicções, com três classes principais de predicados verbais, dois dinâmicos e um não-dinâmico.
- (b) Subclassificação com integração de componentes: a classificação das predicções pode, ainda, integrar outros componentes além do dinamismo, como, por exemplo, o aspecto e o componente pragmático controle.
- (c) Subclassificação segundo a transitividade: outra classificação de predicados verbais pode basear-se na transitividade, com especificação do papel dos complementos verbais. Está implicada a valência verbal. Os verbos transitivos cujo objeto é paciente de mudança são considerados prototípicos.



Em Bechara (2004), observamos que o gramático define verbo a unidade de significação categorial que se caracteriza por ser um molde pelo qual organiza o falar seu significado lexical. O verbo se combina, entre outros, com instrumentos gramaticais (morfemas) de tempo, de modo, pessoa, de número. Um estudo coerente do verbo requer o estabelecimento do sistema de categorias verbais, ou seja, tipos ou funções das formas léxicas mediante as quais se estabelecem as oposições funcionais numa língua.

Para os gramáticos Cunha e Cintra (2008), vimos que o verbo é como a palavra de forma variável que exprime o que se passa, sendo um acontecimento representado no tempo, alertando para o fato de que o verbo não tem, sintaticamente, uma função que lhe seja privativa, pois também o substantivo e o adjetivo podem ser núcleos do predicado. No entanto, individualiza-se pela função obrigatória de predicado, a única que desempenha na estrutura oracional. Apresentam as flexões de número, de pessoa, de tempo, de modo, de aspecto e voz; conjugações, regulares e irregulares, formas nominais; regência e concordância. As possibilidades semânticas e descritivas do uso verbal não são abordadas.

Na gramática de Perini (2004), observamos que define o verbo como uma classe tradicional bem estabelecida. Os verbos possuem um comportamento morfossintático e homogêneo, visto que flexionam da mesma forma e exercem a mesma função sintática. Interessante, que Perini chama a atenção para as definições do verbo feito pelas gramáticas e cita os gramáticos Cunha e Cintra bem como o conceito dado por eles, relata que as definições são vagas e que podem gerar dúvida. O que nos permite identificar os verbos sem grande dificuldade, de acordo Perini, são seus traços morfossintáticos. Para ele o verbo é como uma palavra que pertence a um lexema cujos membros se opõem quanto ao número, pessoa e tempo; pondera ainda que a noção corrente de verbo é formal e não semântica. Considera o verbo como o conjunto das palavras que exprimem uma ação.

Para Câmara Junior (2007), vimos que os verbos constituem a classe de palavras que se opõem aos nomes pela natureza dos seus semantemas que “indicam os processos, quer se trate de ações, de estado ou da passagem de um estado a outro”. O autor concebe a significação do verbo de forma essencialmente dinâmica, caracterizada por trazer em si uma ideia temporal que pode ser estabelecida através do aspecto ou do tempo.



Após trazer essa breve apresentação da definição de verbo por alguns gramáticos brasileiros, percebemos que os conceitos são semelhantes. Os autores apoiam-se em considerações estruturais, e deixa de lado tantas outras particularidades a ser explorada.

Notamos que, ao longo desse percurso histórico, que a definição de verbos não obteve grandes mudanças em relação àquelas que apareceram nas primeiras gramáticas, na medida em que o nome, o verbo, o particípio, o artigo, o pronome, a preposição, o advérbio e a conjunção são categorias gramaticais que integram a Tekhnê, de Dionísio de Trácia, ainda no século II a.C. Podemos afirmar que estes conceitos predominam até os dias de hoje em qualquer gramática.

Concordamos com De Vogué (2011) quando ela diz que a maior parte das teorias existentes atualmente, independente do quadro epistemológico escolhido, é criticada por privilegiar um tipo de verbo ou configuração verbal. Essas teorias não consideram outras possibilidades, e acabam por classifica-los como derivados ou periféricos. Vimos que algumas teorias compreendem o verbo somente pela sua dimensão temporal de seu referente, ou por sua dimensão processual, até mesmo pela dimensão causal ou por sua dimensão predicativa. Dessa maneira, a noção de predicado nessa perspectiva é entendida tanto no sentido lógico (um operador que pede argumentos), quanto no sentido pragmático em que se opõe a um tema sobre o qual incide.

Outras teorias, de acordo com a pesquisadora, classificam o verbo como um ato ou uma atividade, algumas para as quais se refere a um acontecimento, a uma situação transitória ou a uma situação evolutiva. Há teorias em que o verbo remete a uma afirmação (Port-Royal), veicula uma força ilocutória (Touratier) ou é o aporte de um suporte externo (Guillaume); ainda sim, existem teorias para as quais o verbo se caracteriza pelo modo de estar submetido à diátese ou pelo modo de apresentar índices actanciais.

Na próxima seção, veremos os estudos dos verbos em movimentos, visto que *PASSAR* é apontado pelas gramáticas e dicionários com um verbo que indica movimento. Faremos essa abordagem com base na teoria funcionalista. A escolha de abordar o tema nesse viés deve-se à disponibilidade de uma vasta bibliografia desse ramo.



### 3.3 Verbos de movimento

A resistência do funcionalismo linguístico caracteriza-se pelo posicionamento contrário à visão formalista que observa a língua numa visão literalmente metalinguística. A proposta funcionalista observa a língua nas interações verbais dos sujeitos, dispondo do princípio que as formas linguísticas são utilizadas para um propósito estipulado, centrando-se, apenas nas análises de âmbito social.

Dito isso, a primeira investigação, conforme Castilho (2014), sobre a semântica do verbo foi feita por Aristóteles. Os verbos eram divididos em três categorias: estados, movimentos e atividades. As categorias de movimentos e atividades pertenceriam aos “processos”. Os estados se caracterizam por não serem propriamente ações, mas sim situações que perduram durante algum tempo sem modificar-se; essa ausência de modificação é o que opõe os estados aos processos. (CASTILHO, 2014, p. 414).

O movimento é uma categoria cognitiva. Castilho (2014) destaca essas movimentações em movimento físico e movimento fictício. A primeira diz respeito a segmentos do enunciado mudam de lugar como na fonética, morfologia e sintaxe. A segunda são os traços dos segmentos fonéticos e semânticos que mudam de lugar.

Castilho (2014, p. 616), trata da representação da categoria em relação ao verbo. As categorias são: discurso, semântica e gramática.

- Discurso: Princípio de projeção interacional, que constitui a conversação, representa o movimento fictício. O princípio de projeção textual, que constitui o texto, representa o movimento fictício. Entende-se que no discurso a interação entre o falante e o ouvinte representa o movimento fictício
- Semântica: Princípio de projeção semântica é uma representação do movimento fictício. Esse princípio explica a metonímia e a metáfora. Esse princípio também representa o movimento fictício e explica a metonímia e a metáfora.
- Gramática: Princípio de transitividade constitui as sentenças, como uma representação do movimento fictício. Movimentos de constituintes sintáticos. Esse princípio corresponde ao movimento fictício dos constituintes sintáticos.



Para Castilho (2014), a transitividade é alguma a propriedade gramatical muito importante do verbo. Como é um princípio, deparamos com sua ação por toda a língua. O valor desse princípio gramatical está em constituir a sentença, ao escolher seus argumentos.

Na gramática tradicional, os verbos de movimento são vistos como intransitivos acompanhados de um sintagma preposicionado que indica a origem ou o destino do movimento. Os verbos de movimento, para Rocha Lima (2017), encaixam-se na definição de transitivos circunstanciais, ou seja, complemento forma com o verbo uma expressão semântica, caso não houver complemento, o predicado seria incompleto. Para Cunha e César (2014), o verbo de movimento é aquele que causa o deslocamento de um ponto a outro seja do sujeito, do objeto, ou de ambos. Para os autores os verbos de movimento, apesar de serem subcategorizados como mais sintagmas preposicionais, os verbos de movimento são capazes de codificar o sintagma nominal que denota o objeto que se move no evento de movimento.

Conforme Borba (1996), os verbos têm valências:

Os verbos de quatro lugares têm valência quatro (V4), como os de transferência de localização (*transferir*, ***passar***, *levar*, *arrastar*). [...] O exame dos verbos que circulam na língua revela que há vinculação entre a natureza semântica do verbo e o número de argumentos que ele exige. Nesse sentido, ***passar*** pode apresentar as seguintes valências: (1) um argumento, (2) dois argumentos, (3) três argumentos e (4) quatro argumentos. (BORBA 1996, p. 47, grifo nosso).

Na direção de Raposo (2013), os verbos que selecionam quatro argumentos, como *comprar*, ***passar***, *transportar* e *vender*. Em número reduzido, estes verbos denotam movimento espacial ou transações (RAPOSO, 2013, p. 1189, grifo nosso). A relação que um verbo mantém com os seus argumentos é denominada estrutura argumental. A estrutura argumental, de acordo com Goldberg (2006), diz respeito a situações que são essenciais à experiência humanas tais como: mudança de estado, estado, movimento, posse, etc. Nesse seguimento, construções de *PASSAR* são estudadas, analisando os movimentos dos argumentos externo e internos.

Contrapondo a base teórica apresentada, o funcionalismo se distancia dos pressupostos teóricos da TOPE. De acordo com Cumpri (2013):



A gramática funcional é inerente ao movimento que enxerga a língua como uma estrutura e que, portanto, não estabelece uma linha divisória com o estruturalismo europeu, mesmo porque ela está mais próxima de um modo de pensamento sobre a linguagem do que de uma teoria em si. Trata-se de um olhar sobre a linguagem e sobre suas relações com a organização do mundo que faz a língua vigorar como um sistema de meios de expressão apropriados a um objetivo: a comunicação humana. O estabelecimento das relações entre as estruturas gramaticais e suas funções toma lugar de destaque e se posiciona de modo bem visível na organização interna da linguagem (CUMPRI, 2013, p. 04)

Ainda nas palavras de Cumpri (2013) “a tese central é a de que a forma está subordinada à função e que a linguagem é social e expressional graças às metafunções que estabelecem a interface que dá forma à gramática, seja ela a união entre a linguagem e o que está fora dela” (CUMPRI, 2013, p. 04)

A produção linguística do sujeito é o centro das análises do funcionalismo. A língua está sujeita a variações e mudanças e é entendida como elemento de caráter funcional e dinâmico. Assim, a partir do contexto de uso da língua os termos linguísticos são compreendidos. Daí os condicionamentos semânticos e pragmáticos dos usos são resultados da função dos itens linguísticos.

Os estudos funcionalistas condicionam a algo já construído e pré-estabelecido. O que seria resultado do uso das formas nas situações interacionais. Como já sabemos, em TOPE, não partimos da ideia de construções dadas.

Na próxima seção trataremos de dicionários e catalogação de palavras com intuito de compreender a origem da tradição lexicográfica e os sentidos inventariados atribuídos aos termos que são codificados e na maioria das vezes os sentidos são fechados entre si.





### SEÇÃO III

## 4 DICIONÁRIOS E CATALOGAÇÃO DE PALAVRAS

### 4.1 Delimitação histórica

De acordo com Neves (2002), existe uma tradição lexicográfica que preside aos dicionários das línguas e que se resumem da seguinte forma: para cada uma da entrada de um dicionário fornecem-se definições que constituem codificações semânticas fechadas entre si e particulares. Segundo a autora, a própria natureza dos dicionários busca oferecer um rol de significados. O sujeito não consegue aproveitar as opções oferecidas, pois de um lado há um recorte do espectro significativo total e deixa lacunas, e de outro ele comporta superposições, o que resulta em prejuízo para o cumprimento maior da obra que é sua aplicabilidade ao uso linguístico.

Reconhecemos que os dicionários de língua consistem em obras de respeito dentro de qualquer sociedade e são verdadeiros monumentos dentro da cultura que se faz naquela língua e de certa forma ocupam posição de destaque nas estantes de famílias que querem ser letradas. Dito isso, pensamos que seria oportuno trazer de forma sucinta um breve histórico dos dicionários.

Os dicionários remontam aos tempos antigos e acredita-se que tenha se originado na Mesopotâmia por volta de 2.600 a.C. Os dicionários eram produzidos em tabletes com escrita cuneiforme<sup>24</sup>, em que o objetivo era informar repertórios de signos, nomes de profissões, divindades e objetos usuais, que exerciam a função de dicionários unilíngues. Os gregos no século I produziram os léxicos para catalogar os usos das palavras da língua grega. Assim, tanto grego quanto romanos já utilizavam esse instrumento para esclarecimentos de dúvidas, termos e conceitos. Contudo, a ordem dos termos não era classificada em ordem alfabética.

---

<sup>24</sup> A escrita cuneiforme é a designação geral a certos tipos de escrita feitos com auxílio de objetos em formato de cunha. É juntamente com os hieróglifos egípcios, o mais antigo tipo conhecido de escrita, tendo sido criado pelos sumérios cerca de 2 600 a.C. Inicialmente a escrita representava formas do mundo (pictogramas) mas por praticidade as formas foram se tornando mais simples.





Na antiguidade, os dicionários limitavam-se às definições de termos linguísticos ou literários, e foi somente no final da Idade Média que os dicionários e glossários foram organizados alfabeticamente. Tendo em vista, que as glosas desses manuscritos latinos tornaram-se vasto, daí os monges ordenaram que as palavras fossem classificadas alfabeticamente para proporcionar maior facilidade da localização das palavras. Em virtude disso, surge uma primeira tentativa de dicionário bilíngue latim-vernáculo. No século XV, com a chegada da imprensa, favorece-se a difusão e o uso de novos dicionários. Desse modo, o modelo de dicionário que utilizamos hoje em dia, foi incorporado no renascimento com a finalidade de traduzir as línguas clássicas para as modernas em função da bíblia.

Nesse sentido, os dicionários são coletâneas de palavras, termos próprios, ou até mesmo de vocábulos de determinada língua, quase sempre organizados em ordem alfabética e com a respectiva significação ou a sua versão em outra língua. De acordo com a enciclopédia livre – Wikipédia -, os dicionários possuem “classificações em harmonia com objetivos e finalidades didáticas aos quais se compromete em abranger”. E ainda afirmam que, isso muito se deve a uma constante necessidade de atender aos diversificados níveis e áreas de conhecimento, o que resulta na minuciosa classificação dos diferentes dicionários disponíveis que conhecemos hoje.

#### **4.2 Dicionários e catalogação de palavras.**

Pode-se afirmar que os dicionários são os primeiros livros que consultamos quando procuramos inventariar todos os usos de uma palavra, por exemplo, o verbo *PASSAR*. O sentido semântico de *PASSAR* apresenta vários títulos semânticos: “atravessar”, “ultrapassar”, “mover-se”, “mudar”, “aplicar”, “propagar-se”, “perfurar”, “percorrer”, dentre outros. De forma geral, assim como ocorre com outras unidades lexicais, a descrição lexicográfica dos verbos, neste caso, do verbo *PASSAR*, tem duas características:

1. Observamos que existe uma definição unitária da identidade de *PASSAR* que pode ser explicada pelo status dos dicionários, projetados como ferramentas de



consulta, portanto, pela necessidade de descrever o maior número de usos da palavra sem realmente se preocupar com sua identidade na linguagem (seu significado).

2. O verbo *PASSAR* é tradicionalmente descrito como sentido primeiro como verbo de movimento “atravessar de um lugar ao outro; mover-se” (Ela passou a pé o viaduto que a levou para o outro lado da avenida), depois são descritos os sentidos secundários sem alusão a movimento como em “ser aprovado” (Pedro está contente, passou no vestibular).

Tal apresentação repousa em uma base teórica que, se manifestada apenas implicitamente em dicionários, é explícita no trabalho dos lexicográficos contemporâneos que distinguem entre “primeiro”, significado essencial da palavra e significados “secundários” derivados (por extensão) ou figurado (cf. as menções “por ext.”, “por anal.” ou “fig.” dos discursos lexicográficos), sendo o significado primário, em regra, o significado mais concreto da palavra.

Como primeira aproximação, pode-se pensar que a teoria subjacente é que o sistema sincrônico da polissemia da palavra é organizado de acordo com as aparências sucessivas de seus significados ao longo de sua evolução desde sua origem; mas, nesse caso, seria de esperar que a sucessão de significados seguisse cronologicamente à sua emergência ao longo do tempo, o que não é o caso.

Diante do exposto, podemos notar que o emprego de *PASSAR* tende a se definir fora do contexto em que estão inseridas as formas linguísticas, no qual “as unidades, construídas e estáticas, constituem a base para que o jogo de relação formal se efetue” (REZENDE, 2000, p.12).

De acordo com Garcia (2011), a categorização apresentada pela gramática tradicional situa-se apenas nos níveis da palavra e da frase, considerando a letra e a sílaba, as unidades linguísticas anteriores à palavra. A catalogação não se identifica com os pressupostos teóricos da TOPE, visto que conceitua as unidades linguísticas como indeterminadas e com potencial significativo que vai além das classificações gramaticais. Desse modo, a teoria distancia-se do nível paradigmático e aproxima-se de um nível anterior à construção do léxico e da gramática. Apodera-se das noções, enquanto um conjunto de propriedades significativas à disposição do sujeito que constrói ajustes ou desajustes de valores estabilizados.



Ou seja, a TOPE, não se detém ao conceito de unidade linguística enquanto possuidora do conteúdo estático. Os estudos tradicionais da gramática permitem que o trabalho do sujeito esquive-se da construção da significação. Percebemos que esses estudos somente assimilam, manipulam e alteram as formas linguísticas. Dessa forma, os equívocos e as ambiguidades são tidos como inadequados, dando a entender que é uma escolha realizada pelo sujeito através da maneira com que organiza sua experiência.

Dito isso, reforçamos que a TOPE tem como hipótese o fato de que a identidade de funcionamento de uma unidade linguística não é definida por um sentido de base que se encontra catalogado em/e por instrumentos formais (dicionários, gramáticas), mas deve-se ao “papel específico que ela desempenha nas interações constitutivas do sentido dos enunciados nos quais ela é posta”. (FRANCKEL, 2011, p.23).

#### **4.3 PASSAR em dicionários de Língua Portuguesa**

Conforme os registros nos dicionários, *PASSAR* é um verbo muito presente nos acontecimentos do dia a dia, tanto em relação à ideia de movimento com deslocamento físico, como à ideia de movimento sem deslocamento físico. No Dicionário Escolar da Língua Portuguesa de 1985, de autoria de Francisco de a Silveira Bueno, *PASSAR* é classificada somente como verbo transitivo, cujo sentido primário seria:

1. Transpor;
2. Atravessar;
3. Transportar;
4. Transcrever;
5. Impingir.

O dicionário não apresenta frases para exemplificar os sentidos trazidos por ele. Desse modo, pensamos que seria necessário fazermos a apresentação desses sentidos de acordo com o dicionário. Interessante observar o 5º sentido secundário: “impingir”,



visto que, em dicionários contemporâneos tal sentido atribuído para *PASSAR* não é mais relacionado.

O sentido de “Transpor” no Dicionário Michaelis on line apresenta 08 acepções:

**Vtd** -1 Ultrapassar um limite: A nossa imaginação transpõe a ciência.

**Vtd** - 2 Ir ou passar para o outro lado de algo; entrar: Transpôs a porta e gritou com todos.

**Vtd** -3 Superar aquilo que impede ou dificulta: Os reféns transpuseram um muro alto e conseguiram fugir.

**Vtd** -4 Alterar a ordem de: Distraía-se transpondo as letras de uma palavra para formar outras.

**Vtdi** -5 Passar de uma forma de expressão para outra: Transpôs o livro sobre a vida de Einstein para o teatro.

**Vtd** - 6 Passar por épocas distintas sem ser afetado: Shakespeare transpõe qualquer época, pois é sempre atual.

**vtd** e **vtdi** -7 Proceder à transposição; transportar: Transpunha toda melodia cujo tom não era adequado para sua voz. Transpôs a peça musical para o tom do clarinete.

**Vpr** - 8 Tornar-se oculto; esconder-se: A Lua transpôs-se antes da madrugada.

O sentido de “Atravessar” no Dicionário Michaelis on line apresenta 12 acepções:

**Vtd** -1 Ir de um lado a outro; sulcar: O navio atravessa os mares.

**Vtd** - 2 Resistir à ação do tempo; subsistir: A construção atravessou os séculos e continua intacta.

**Vtd** -3 Cortar de um lado até o outro: O prego atravessou o pé do menino.

**Vtd** - 4 Vivenciar situações de dificuldades: A população atravessa momentos de crise.

**Vtd** - 5 Cruzar caminhos para diminuir distâncias: Os caminhantes atravessaram o jardim para alcançar a outra rua.

**Vtd** - 6 Posicionar-se de través: A árvore caiu e atravessou a pista.

**Vtd** - 7 Intrometer (-se) para criar empecilho: Os curiosos atravessavam o caminho do maratonista.

**Vtd** - 8 Comprar por preço mais baixo e revender mais caro: Há especuladores que atravessam o comércio para obter grandes lucros.



**Vtd** - 9 Posicionar as velas de uma embarcação de forma a pará-la.

**Vtdi** - 10 Andar por certos lugares.

**Vtd** - 11 Passar por grandes distâncias.

**Vint** - 12 Não ter sincronia entre o ritmo de uma bateria de escola de samba e a música por ela executada: Os puxadores do samba atravessaram.

O sentido de “Transportar” no Dicionário Michaelis *on line* apresenta 08 acepções:

**Vtd e vtdi** - 1 Carregar pessoas ou coisas de um lugar a outro: Transportou o policial numa motocicleta. Transportaram os boias-frias para a lavoura muito cedo.

**Vtd e vtdi** - 2 Passar informação: O detetive transportava apenas as informações necessárias. Transportou tudo o que sabia ao seu supervisor.

**Vtdi e vpr** - 3 Fazer recuar ou recuar ao passado: O cheiro de pitanga transportou-me à infância. Meu avô transporta-se aos velhos tempos quando passeia pela praça dessa cidade.

**Vpr** - 4 Transferir-se de um local a outro: Transportou-se para o exterior e jamais retornou.

**Vtd e vpr** - 5 Deixar(-se) entrar em estado de arrebatamento: O barulho contínuo da água transportou-o. Transportava-se ao ver as obras dos impressionistas.

**Vtdi** - 6 Verter ou traduzir um texto: Transportou o poema do grego para o latim.

**Vtd** - 7 (Artes gráficas) Transferir imagens e/ou escritos para pedra ou metal com a utilização de papel autográfico.

**Vtd e vtdi** – (Música) transpor, acepção 7.

O sentido de *Trancrever* no Dicionário Michaelis *on line* apresenta 06 acepções:

**Vtd e vtdi** - 1 Fazer cópia de material escrito em outro lugar.

**Vtd** - 2 Escrever num papel algo que se ouve, como, por exemplo, uma palestra, a letra de uma música etc.

**Vtd** - 3 Escrever um texto, utilizando um sistema ou um alfabeto diferente daquele do texto original.

**Vtd** - 4 Representar os sons da fala por meio de símbolos fonéticos.

**Vtd e vtdi** - 5 MÚS Fazer a transcrição de uma peça musical escrita para um determinado instrumento, a fim de que seja executado por outro ou outros ou, até mesmo, por uma orquestra.

**Vtd** - 6 Registrar título ou escritura para proceder à transferência.



O sentido de “Impingir” no Dicionário Michaelis on line apresenta 05 acepções:

**Vtdi** - 1 Dar com força ou violência; aplicar, desferir, pespegar: Impingiu um tapa ao contendor.

**Vtdi** - 2 Fazer (alguém) acreditar (em coisa falsa): Impingiu uma lorota ao professor.

**Vtdi** - 3 Fazer (alguém) aceitar algo que não deseja: Impingia uma rifa a todo freguês que entrava na loja.

**Vtdi** - 4 Constranger (alguém) a ouvir (algo desagradável ou enfadonho): “[...] compus umas histórias bem tolas e impingi-as ao velhote como sendo do crônicon. Como ele ouvia aquelas bobagens!” (LB1).

**Vtdi** - 5 Fazer alguém tomar uma coisa por outra: Impingir peru por galinha aos desavisados.

O dicionário produzido por Geraldo Mattos (2000), Dicionário Junior de Língua Portuguesa, traz 11 acepções e se difere do dicionário escolar anterior este já apresenta frases para exemplificar os sentidos semânticos trazidos bem como expressões de *passar*:

1. Ir por um caminho de um ponto ao outro. 2. Ir além de um lugar. 3. Ficar atrás no tempo. 4. Ser apresentado em cinema ou televisão. 5. Ser aprovado. 6. Ter determinada condição de vida, estar, ir. 7. Fazer pessoa ou coisa ir de um ponto para o outro. 8. Espalhar alguma coisa sobre outra. 9. Apresentar filme para o público. 10. Alisar roupa com o calor de algum instrumento. 11. Fazer algum tempo que alguma coisa aconteceu.

O dicionário escolar também apresenta algumas expressões conotativas: “passar a limpo”; “passar a perna”, “passar desta para melhor”; “passar em branco”; “passar para trás”; “passar por cima”.

O atual dicionário Michaelis on line<sup>25</sup> apresenta 75 acepções para *PASSAR*. Importante ressaltar, que *PASSAR* é tratado com verbo transitivo, intransitivo, e às vezes, verbo transitivo direto e indireto.

#### 4.4 Um olhar culioliano para os dicionários de Língua.

<sup>25</sup> Disponível em: (<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/passar/>)



Ao observar o emprego das frases com o termo *PASSAR* em dicionários, observamos que as definições apresentadas são as seguintes:

- 1º Um grupo de exemplos em que *PASSAR* projeta uma ocorrência de passagem.
- 2º Um bom lote de exemplos ambíguos.
- 3º um grupo de exemplos que expressam movimentos físicos.
- 4º um grupo de exemplos que não expressam movimentos físicos.

Vimos que o emprego de *PASSAR* nos dicionários inventariam empregos, classificam e hierarquizam, e reconhecemos que isto faz parte do processo analítico. Nos dicionários os sentidos são dados, estão prontos e acabados. Assim, podemos dizer que os dicionários tratam a variação numa certa medida, melhor dizendo, mais neutraliza do que toma como objeto de observação.

Ao contrário dessa metodologia, a TOPE toma a variação como objeto de observação, não neutraliza. Os dicionários não tem a intenção de apresentar a identidade de *PASSAR* e demais léxicos. O que se observa são os sentidos sendo inventariados. Apresentam resultados, resultados prontos em que não há um processo a ser construído.

Para dar fundamentar àquilo que estamos abordando nesse trabalho, trazemos uma afirmação de Rezende (2014) sobre a gramática tradicional:

O conceito de língua/estrutura/sistema, como recorte que é, oferece uma posição mediana para se pensar as línguas e a linguagem. Em outras palavras, não há diálogo entre o todo (linguagem, pensada como um fenômeno complexo, psicossociológico, interdisciplinar) e a parte (a situação prática de interação verbal). A metodologia científica usada pelo estruturalismo é indutiva. (REZENDE, 2014, p. 83)

A TOPE, como já mencionado opõe-se às categorizações e ao estudo linguístico estático. As operações concatenadas com marcas linguísticas (arranjo textual) abrem portas e acesso à linguagem, visto que ela não é acessível diretamente. Os traços de operações constroem relações e categorias gramaticais a partir do processo de ajustamentos da linguagem. Dessa forma, os marcadores não podem ser reduzidos a simples etiquetas. Dada à variação e a invariação da língua, consideram-se os processos de representação, referenciação e regulação.

A TOPE não se apoia em estudos gramaticais apenas baseado em categorias. Não consideramos única a relação entre o Nível I e o Nível II. Não focamos em





categorias pré-definidas como verbos, interjeições, adjetivos, substantivos, preposições, dentre outros. Bem distante disso, o que Culioli (1999) propõe é o estudo no âmbito da transcategorização, ou categorização zero. As variações obtidas no processo de regulação favorecem a compreensões, comparações e análises das palavras.

Até aqui é possível compreender que a catalogação não se relaciona com os pressupostos teóricos na qual esse trabalho se inscreve. Consideramos as unidades linguísticas como indeterminadas (em relação à categoria de língua), com potencial significativo (horizonte de significação) vai além das classificações gramaticais. Não tem nada a ver pragmática. A teoria nos permite nos aproximarmos a um nível anterior à construção do léxico e da gramática. Através das noções, vista como um conjunto de significações que está posta ao sujeito. É permitido ao sujeito construir ajustes ou desajustes de valores estabilizados. Quando estudamos a língua pela gramática, partimos de um resultado com valores estáticos que é um produto do processo de categorização consumado pela linguagem (formal) na língua natural (empírico). Nesse caso, não é possível gerar a existência de um processo dinâmico que direciona de maneira contínua aquilo que é recortado como valor estável.

A teoria não exerce o conceito de unidade linguística sendo possuidora do conteúdo estático, que determina relações como nome, objeto e predicação por causa da relação predicação-objeto-nome. O sujeito nos estudos da gramática tradicional não tem a função de construir significação por isso os equívocos e as ambiguidades tidas como inadequados, tem a ver como uma escolha entre várias que o sujeito realizou com base na organização da sua experiência. Até porque essa relação (nome, objeto, predicação) é pautada por um conceito totalmente estruturalista da língua. Os termos linguísticos são convencionados e atuam como objetos a serem compreendidos cognitivamente de forma unívoca pelos sujeitos.

Por outro lado, a relação (predicação, objeto, nome) considera o trabalho do sujeito que tem opção por essa ou aquela forma com a finalidade de se construir uma significação. A todo momento os valores linguísticos são ressignificados pelo sujeito a partir de sua experiência com o mundo físico-cultural-cognitivo, considerando o movimento do estável ao instável.

Na tradição lógico-filosófica dos estudos gramaticais até os estudos linguísticos não se encontram abordagens que se desenvolveram sobre o signo linguístico.





Ressalvamos que a TOPE estuda as línguas na sua articulação com a linguagem. Conforme ressalta Rezende (2002, p. 112), a finalidade é “explicitar não só as categorias resultantes (valores prototípicos), mas também a natureza do próprio processo de construir categorias”.

#### 4.5 Variação semântica do verbo *PASSER*

De acordo com Franckel (1997), abordar a questão da locução pelo viés do estudo da polissemia se justifica por três razões: a primeira é que o verbo *PASSER* está entre os vinte verbos mais frequentes na língua francesa de várias tabelas lexicográficas e a descrição dos seus usos ocupa nada menos que vinte páginas. A abundância e a diversidade de valores que podem ser associados a esse verbo dificilmente nos permitem fazer a diferença entre os empregos estáveis e não estáveis. Isso faz com que coloque em questão a própria noção de locução. Franckel (1997) dá alguns exemplos de complemento direto na construção transitiva:

A parede (atravessar), o curso (dar a volta), o rio (atravessar), a rua (não entrar), o seu caminho (continuar), a ponte (pedir), um exame (passar), o tempo (matar), seus germes (passar), um cigarro (dar), seu apartamento (emprestar), sua vez (pular), um contrato (concluir), um acordo (concluir), uma mensagem (transmitir), uma decisão (parar), um parágrafo (pular), etc. (FRANCKEL, 2017, p. 49)<sup>26</sup>

Para Franckel (2017) cada complemento direto determina uma relação possível de *PASSER* com esse ou aquele verbo, e provavelmente uma locução no sentido de que temos uma sequência que pode ser colocado em relação com um sinônimo particular, um exemplo disso é a sequência: *passer um savon (admonester)* (passar a esponja - perdoar alguma coisa ou alguém). O que há em comum nos exemplos dado até agora não tem nada em comum a não ser própria forma de construção para *PASSER*. Por meio de cada termo em posição observa-se *PASSER* constituindo diferentes construções. Segundo o autor essa extrema labilidade semântica articula-se ao mesmo tempo a uma

<sup>26</sup> Original: Le mur (franchir), le cap (contourner), la rivière (traverser), la rue (ne pas 'y engager), son chemin (poursuivre), le pont (emprunter), un examen (subir), le temps (tuer), ses microbes (refiler), une cigarette (donner), son appartement (prêter), son tour (sauter), un contrat (conclure), un marché (conclure), un message (transmettre), une décision (arrêter), un paragraphe (sauter), etc.



grande variedade de construções possíveis, outra fonte de múltiplas interpretações. Segue exemplos dado pelo próprio: “passar por (passar pelas armas, perto de ser executado por John [...]); passar por (passar por um tolo, perto de ter a reputação de um tolo); prescindir (dispensar), repassar (repassar os detalhes)” ... (FRANCKEL, 2017, p. 50)<sup>27</sup>

A segunda justificativa são as abordagens da locução verbal que tendem, na maioria das vezes, a “esvaziar” semanticamente o verbo, baseando na intuição de que constituiria o sentido “verdadeiro” ou “primeiro” do verbo. O que não é encontrado no sentido da locução. Nessa direção, considerar que o verbo é semanticamente vazio em uma locução verbal equivale, de fato, a obscurecer seu papel menos determinante do que seu ambiente na construção do significado da locução, que não é mais redutível a um de seus constituintes do que a outro. Concordamos com Franckel (1997) quando ele diz que buscar uma caracterização do verbo que dê conta tanto de sua singularidade como de seus diferentes tipos de relação com o contexto e fonte da variedade de seus usos, constitui um programa de trabalho, e a TOPE nos dá esse suporte.

Na última justificativa o autor trata do congelamento semântico e do congelamento sintático (em vários graus). Para ele os congelamentos são manifestação de uma cristalização (mais ou menos forte) das interações entre os termos, devido a afinidades particulares em razão às suas respectivas propriedades. Existem associações mais ou menos “prototípicas” que são estabelecidas de uma forma assimétrica. Assim, um termo como *cap* (capa), por exemplo, tende a mobilizar desde o início por si mesmo o verbo *PASSER*. Provavelmente, *PASSER* mobilizará uma variedade muito grande de termos que o fazem “ressoar” de uma maneira mais ou menos típica. Exemplos<sup>28</sup>: *passer le cap*; *passer le cours*; *le café*: o café; *le temps*: o tempo, *le main*: a mão, *le sel à quelqu’un*: o sal para alguém, etc.

Podemos, portanto, observar que certos termos parecem gerar fenômenos de “captura” dentro da construção, trazendo consequências estabilizadas devido aos vínculos privilegiados entre as respectivas propriedades desses termos. A partir de

---

<sup>27</sup> Original (trecho completo): *passer par* (passer par ler armes, proche de exécuter par Jean pour obtenir un rendez-vous, proche de prendre Jean comme intermédiaire); *passer pour* (passer pour un imbécile, proche de avoir la réputation d’un imbécile); *se passer de* (se dispenser de), *passer sur* (passer sur les détails, proche de ne pas s’arrêter)

<sup>28</sup> Exemplos dados por Franckel (2017, pg. 50)



então, essas expressões mais ou menos estáveis, estão longe de serem “anormais”, e podem ser considerados termos reveladores e privilegiadas dessas propriedades. Logo, a locução tem um lugar central e não marginal na descrição do funcionamento de termos como *PASSER* e por que não dizer também *PASSAR*.



## SEÇÃO IV

### 5 ANÁLISE

Com base naquilo que já foi discutido, já sabemos que significação na TOPE é construída nas e pelas interações e que, dessa forma, não se admite que uma unidade tenha um sentido pronto e acabado. Buscamos compreender através das variações constitutivas de *PASSAR* para apreender o seu funcionamento. Dito isso, antes de iniciarmos nossas análises, consideramos pertinente trazeremos um breve conceito de pré-construído, visto que tal conceito subsidia nossas análises. Conforme Onofre (2017):

[...] o quadro teórico da enunciação culioliana permite postular que certos enunciados são construídos a partir de um enunciado pré-construído. A pré-construção tem um estatuto linguageiro e é acessível apenas se considerar que os enunciados são resultados de operações de linguagem simuladas pelo pesquisador/linguista. (ONOFRE, 2017, pg.107)

Desse modo, o pré-construto corresponde a um valor modal assertivo construído numa relação predicativa distinta da relação em que está construído. Isso ocorre porque essa relação predicativa é validada pelo enunciador  $S_o$ , numa situação de enunciação distinta de  $Sit_o$ . Esse conceito implica três características sobre o pré-construído:

- 1º - o pré-construído é de natureza linguística, pois com sua construção se explicita que uma relação predicativa já anteriormente foi validada verbalizada, ou não;
- 2º - o conceito de pré-construído é inseparável da distinção entre enunciador origem e locutor, já que estabelece uma relação entre esses elementos enunciativos e;
- 3º - o pré-construído dá conta de uma grande variedade de processos de construção de determinação.

Ademais, no plano do pré-construído, quer dizer, no plano da léxis, temos um leque de possibilidades apresentadas ao sujeito, enquanto classe de ocorrências abstratas, que se constituíram a partir de uma dada experiência, na qual o sujeito avalia, compara, inviabiliza ou assera, construindo o dizer.

De acordo com Rezende (2008), no pré-construído ou classe de ocorrências imaginárias (eventos linguísticos), quer dizer, no plano da léxis mais as modalidades assertivas, temos quantificadores de tempo indistintos e marcadores de quantificação zero. Temos no pré-construído: vários Xs em vários tempos e espaços (sit i, sit j, sit k...)



que desenvolvem um sistema em durações de tempos diversificadas, mas indeterminadas como, por exemplo, quando dizemos: “um tanto de tempo”, “um certo tempo”.

Com efeito, de acordo com Cumpri (2013), a partir de um pré-construto (aquilo que permanece estável dentro do enunciado), o linguista mostra os valores que vão sendo atribuídos pela modalização e pelas marcas aspectuais (o variável) que são os investimentos do sujeito à confirmação do que é pré-construído (o invariável).

Com base nesses propósitos, apresentamos, a seguir, o primeiro enunciado em análise.

**Enunciado 1:** “Pedro passou no vestibular (da faculdade de Letras)”.

- representação visada: *alguém na faculdade de Letras*
- pré-construto: atribuição de “faculdade de Letras para alguém”

“*Da faculdade de Letras*” remete ao pré-construto (atribuição de “*faculdade de Letras para alguém*”), que, na retomada, é localizado por *PASSAR* em relação a “Pedro”. Desse modo, *PASSAR* projeta a identificação de “Pedro” com o sujeito de “alguém na faculdade de Letras”. “No vestibular” é marca de validação da relação (identificação de “Pedro” na faculdade Letras). Em virtude disso, constrói-se, “Pedro com o sujeito de *alguém na faculdade Letras*”.

Com efeito, é atribuindo-se a faculdade de Letras para alguém que é “Pedro” que “Pedro” se determina como “alguém na faculdade de Letras”.

**Enunciado 2:** “Pedro passou o dinheiro para o assaltante”.

- representação visada: *alguém com dinheiro*
- pré-construto: atribuição de “dinheiro para alguém (que pode ser outro)”

Na retomada, o pré-construto é localizado por *PASSAR* em relação a “Pedro”. *PASSAR* projeta a identificação de “Pedro” com o sujeito de “alguém com dinheiro”. “O assaltante” é marca de bloqueio à validação da relação que identifica “Pedro” com “alguém com dinheiro”. Não existindo um evento do qual se possa dizer que “Pedro com o dinheiro” é uma representação adequada, abre-se caminho a outros possíveis,



dentre eles “o assaltante”, com os quais “alguém com o dinheiro” possa se identificar. Constrói-se, assim, “o assaltante com o dinheiro”.

Não é que “Pedro estava com o dinheiro, e passou o dinheiro para o assaltante”. Não é por meio de alguma coisa que Pedro faz que “o assaltante” se determina como “alguém com dinheiro”. É através de alguma coisa que alguém diz, ou seja, é através da atribuição de “dinheiro para alguém (que pode ser outro)”, que “assaltante” se determina como “alguém com dinheiro”.

**Enunciado 3:** “Pedro passou a garrafa (para alguém) embaixo da mesa”.

- representação visada: *alguém com a garrafa*
- pré-construto: atribuição de garrafa para alguém (que pode ser outro)

Na retomada, o pré-construto é localizado por *PASSAR* em relação a “Pedro”. Ao mesmo tempo, *PASSAR* projeta a identificação de “Pedro” com o sujeito de “alguém com a garrafa”. “Alguém embaixo da mesa” é marca de bloqueio à validação da relação que projeta a identificação de “Pedro” com o sujeito de “alguém com a garrafa”. Não existindo um evento do qual se possa dizer que “Pedro com a garrafa” é uma representação adequada, abrem-se outros caminhos possíveis que possam se identificar com o sujeito do predicado “alguém com a garrafa”. Constrói-se, assim, “alguém (que é outro) com a garrafa”.

Não é que “Pedro estava com a garrafa e passou para alguém por debaixo da mesa”. Não é por meio de alguma coisa que Pedro faz que “alguém” se determina como “alguém com a garrafa”. É através de alguma coisa que *alguém* diz, ou seja, através da atribuição de garrafa para alguém (que pode ser outro), que “alguém” se determina como “alguém com a garrafa”.

**Enunciado 4:** “Pedro passou a meleca embaixo da mesa”.

- representação visada: *a mesa com a meleca de alguém*
- pré-construto: atribuição de meleca para alguém

“Meleca” remete ao pré-construto (atribuição de meleca para alguém) que, na retomada, é localizado por *PASSAR* em relação a “Pedro”. Com efeito, *PASSAR* projeta



a identificação de “Pedro” com o sujeito do predicado visado “mesa com meleca de alguém”. “meleca embaixo da mesa” é marca de validação da relação (identificação de “Pedro” com o sujeito do predicado “mesa com meleca de alguém”). Constrói-se, assim, “a mesa com a meleca de Pedro”.

Não é que “Pedro estava com a meleca e passou a meleca debaixo da mesa”. Não é por meio de alguma coisa que Pedro faz que se determina o predicado “a mesa com a meleca de alguém”. É através de alguma coisa que *alguém* diz, ou seja, através da atribuição de meleca para alguém que se determina o predicado “a mesa com a meleca de Pedro”.

**Enunciado 5:** “Pedro me passou o cigarro”.

- representação visada: *alguém com cigarro*
- pré-construto: atribuição de cigarro para alguém (que é outro)

Na retomada, o pré-construto (atribuição de cigarro para alguém (que é outro)) é localizado por *PASSAR* em relação a “Pedro”. *PASSAR* projeta a identificação de “Pedro” com o sujeito do predicado “alguém com o cigarro”. “Alguém” é marca de bloqueio à validação da relação que identifica “Pedro” com o sujeito do predicado “alguém com o cigarro”. Não existindo um evento do qual se possa dizer que “Pedro com o cigarro” é uma representação adequada, abrem-se outros caminhos possíveis que possam se identificar com o sujeito do predicado “alguém com cigarro”. Constrói-se, assim, “alguém (que é outro) com o cigarro”.

Não é que “Pedro estava com o cigarro, e passou o cigarro para alguém (que pode ser outro)”. Não é por meio de alguma coisa que Pedro faz que “alguém (que é outro)” se determina como “alguém com o cigarro”. É através de alguma coisa que alguém *diz*, ou seja, é através da atribuição de cigarro para alguém (que pode ser outro), que “alguém (que é outro)” se determina como “alguém com o cigarro”.

**Enunciado 6:** “Pedro passou o carro para o vizinho”.

- representação visada: “alguém com o carro”
- pré-construto: atribuição de carro para alguém (que pode ser outro)





Na retomada, o pré-construto (atribuição de carro para alguém (que pode ser outro)) é localizado por *PASSAR* em relação a “Pedro”. Isso possibilita ainda que *PASSAR* projete a identificação de “Pedro” com o sujeito do predicado “alguém com o carro”. O bloqueio à validação do predicado “Pedro com o carro” é marcado por “vizinho”. Não existindo um evento do qual se possa dizer que “Pedro com o carro” é uma representação adequada, abre-se caminho a outros possíveis que possam se identificar com o sujeito do predicado “alguém com o carro”. Constrói-se, assim, “alguém (que é outro) com o cigarro”.

Não é que “Pedro estava com o carro, e passou o carro para alguém (que pode ser outro)”. Não é por meio de alguma coisa que Pedro faz que “alguém (que é outro)” se determina como “alguém (que é outro) com o carro”. É através de alguma coisa que alguém *diz*, ou seja, é através da atribuição de carro para alguém (que pode ser outro), que “alguém (que é outro)” se determina como “alguém (que é outro) com o carro”.

**Enunciado 7:** “Pedro passou fome o dia todo”.

- representação visada: *alguém com fome*
- pré-construto: atribuição de fome para alguém

“Fome” remete ao pré-construto (atribuição de “fome para alguém”) que, na retomada, é localizado por *PASSAR* em relação a “Pedro”. Com efeito, *PASSAR* projeta a identificação de “Pedro” com o sujeito do predicado “alguém com fome”. “O dia todo” é marca de validação da relação (identificação de “Pedro” com “alguém com fome”). Constrói-se, assim, o predicado “Pedro com fome”. É passando fome o dia todo que “Pedro” se determina como “alguém com fome”.

“Pedro passou fome” não tem “boa formação contextual”<sup>29</sup> porque não delimita o contexto em que o enunciado pode ou deve ser interpretado. Já o enunciado “Pedro passou fome o dia todo” delimita o contexto em que pode ou deve ser interpretado.

**Enunciado 8:** “Pedro passou dessa para melhor”.

<sup>29</sup> Conceito utilizado por Franckel (2011, p. 24), “uma sequência só dá lugar a um enunciado bem formado levando em conta um contexto por ela estritamente determinado” (FRANCKEL, 2011, p. 24).





- representação visada: “*alguém ser*”
- pré-construto: possibilidade de “*alguém vir-a-ser*”

Na retomada do pré-construto, “passar” localiza “Pedro” em relação à possibilidade de *alguém vir-a-ser*. Com efeito, *PASSAR* projeta a identificação de “Pedro” com *alguém ser*. “Dessa para melhor” é marca de não-validação da relação (identificação de “Pedro” com “*alguém ser*”). Constrói-se, assim, “o não ser de Pedro”.

Não é que “Pedro” refere *alguém que existia*, mas que deixou de existir. É dizendo *alguma coisa* de Pedro que se construiu o objeto simbólico “Pedro” que refere a não-existência de Pedro.

**Enunciado 9:** “Pedro passou agora mesmo pela janela”.

- representação visada: *alguém ser*
- pré-construto: possibilidade de *alguém vir-a-ser*

Na retomada do pré-construto, *PASSAR* localiza “Pedro” em relação à possibilidade de *alguém vir-a-ser*. Com efeito, *PASSAR* projeta a identificação de “Pedro” com *alguém ser*. “Agora mesmo pela janela” é marca de validação da relação (identificação de “Pedro” com “*alguém ser*”). Constrói-se, assim, “o ser de Pedro”.

“Pedro passou” não tem “boa formação contextual” porque não delimita o contexto em que o enunciado pode ou deve ser interpretado. Já o enunciado “Pedro passou agora mesmo pela janela” delimita o contexto em que pode ou deve ser interpretado.

**Enunciado 10:** “Pedro passou do ponto (falou demais, ofendeu todo mundo)”.

- representação visada: *alguém ser*
- pré-construto: possibilidade de *alguém vir-a-ser*

Na retomada do pré-construto, *PASSAR* localiza “Pedro” em relação à possibilidade de *alguém vir-a-ser*. Com efeito, *PASSAR* projeta a identificação de “Pedro” com *alguém ser*. “Do ponto, falou demais, ofendeu todo mundo” é marca de



não-validação da relação (identificação de “Pedro” com “alguém ser”). Constrói-se, assim, “o não ser de Pedro”.

**Enunciado 11:** “A banana passou (do ponto para o consumo)”.

- representação visada: *alguma coisa ser*

- pré-construto: possibilidade de *alguma coisa vir-a-ser*

Na retomada do pré-construto, *PASSAR* localiza “a banana” em relação à possibilidade de *alguma coisa vir-a-ser*. Com efeito, *PASSAR* projeta a identificação de “a banana” com *alguma coisa ser* o caso. “(do ponto para o consumo)” é marca de não-validação da relação (identificação de “a banana” com “*alguma coisa ser*”). Constrói-se, assim, “o não ser de banana”.

Não é que “a banana” refere *alguma coisa que existia*, mas que deixou de existir. É dizendo *alguma coisa* da banana que se construiu o objeto simbólico “banana” que refere a não-existência de banana.

**Enunciado 12:** “Pedro passou a palavra para o amigo”.

- representação visada: *alguém com a palavra*

- pré-construto: atribuição de a palavra para alguém (que pode ser outro)

Na retomada, o pré-construto é localizado por *PASSAR* em relação a “Pedro”. Com efeito, *PASSAR* projeta a identificação de “Pedro” com “alguém com a palavra”. “O amigo” é marca de bloqueio à validação da relação (identificação de “Pedro” com “alguém com a palavra”). Não existindo um evento do qual se possa dizer que “Pedro com a palavra” é uma representação adequada, abre-se caminho a outros possíveis, dentre eles, “o amigo”, com os quais “alguém com a palavra” possa se identificar. Constrói-se, assim, “o amigo com a palavra”.

Não é que “Pedro estava com a palavra, e passou a palavra para alguém (que pode ser outro)”. Não é por meio de alguma coisa que Pedro faz que “alguém (que é outro)” se determina como “alguém (que é outro) com a palavra”. É através de alguma coisa que alguém *diz*, ou seja, é através da atribuição de palavra para alguém (que pode



ser outro), que “alguém (que é outro)” se determina como “alguém (que é outro) com a palavra”.

### 5.1 *PASSAR*: algumas considerações

A hipótese dos estudos da TOPE é o fato de que a identidade de funcionamento de uma unidade linguística não é estabelecida por um sentido de base que se encontra catalogado por instrumentos formais como em dicionários e gramáticas, mas deve-se ao “papel específico que ela desempenha nas interações constitutivas do sentido dos enunciados nos quais ela é posta”. (FRANCKEL, 2011, p.23).

Dito isso, observamos nas análises que o marcador *PASSAR* que por um lado localiza um termo em construção em relação a um pré-construto que é retomado a partir de outros termos explícitos ou não no enunciado. Por outro lado, *PASSAR* projeta a identificação do termo em construção com o sujeito de uma representação visada. Cada enunciado traz consigo marcas de asserção que dialogam com esse gesto de linguagem. O enunciado, ainda que se estabilize de modos variáveis, é o produto desse diálogo fundamental.

O sentido desse termo linguístico é construído no/pelo enunciado ao mesmo tempo em que *PASSAR* determina o sentido dos enunciados de que é constitutivo. Conforme De Vogué, Franckel e Paillard (2011) os valores dos enunciados são valores aproximados, visto que o valor bruto da unidade é sempre é um potencial e não um conteúdo também um valor abstrato, e não uma designação.

Nessa direção, sabemos que passagem do nível I para o nível II, comporta operações de quantificação e qualificação. E a partir das análises, identificamos que *PASSAR* convoca essas operações. Desse modo, são as operações de quantificação que colocam a possibilidade de que a representação venha a ter existência. Os enunciados analisados corroboram com essa possibilidade de trabalho. É oportuno ressaltar que a operação de quantificação tem como orientação a existência da representação, “o vir a ser” de um objeto simbólico.

Em relação à operação de qualificação, observamos que *PASSAR* marca uma identificação, na medida em que retoma o projeto de existência de representação e, ao



reorientar esse projeto inicial, marca uma diferenciação com o valor inicial abrindo espaço para outras operações de determinação (o vir a ser da representação). A predicação é marca de bloqueio da relação que identifica o sujeito do enunciado com o sujeito da representação visada. Mesmo não sendo a representação adequada, abrem-se outros caminhos possíveis com os quais o sujeito da representação visada possa se identificar para que assim construa a representação. Assim, os processos de estabilização da representação se devem ao cálculo feito pelo sujeito enunciador na sua trajetória de construção da representação possível em relação à representação visada e aos obstáculos a estabilização dessa representação.

Importante salientar que os enunciados contêm, nas suas partes internas, outras relações entre os termos. Essas relações remetem o enunciado para trás (no seu pré-construto) e para frente (na sua projeção). Essas relações predicativas internas (retomadas ou lançadas) ganharão o seu valor por meio de um cálculo com a relação predicativa central que contém a asserção.

Nessa direção, apreciar, julgar e avaliar são modalidades assertivas, e o material linguístico retomado de um pré-construto é uma ocorrência de predicado. O contexto encaixante que possui uma modalidade assertiva e/ou asserção central topicaliza uma ocorrência de predicado, que pode possuir ou não uma modalidade assertiva, e cria dentro do enunciado complexo um jogo de equilíbrio e regulação, no qual geralmente apreciações positivas ou negativas vão estabilizar o instável ou desestabilizar o estável.



## 6 CONSIDERAÇÕES

Conforme exposto neste trabalho, vimos que, antes de dispormos de outras linhas profundas de estudo sobre a língua, o estruturalismo e gramática tradicional, a princípio, eram caminhos possíveis para se compreender um fenômeno linguístico. Sabemos que a língua, tomada nessa perspectiva, é estática e os sentidos são pré-estabelecidos. Por isso entendíamos a língua como um código. De certa forma, esses estudos bloqueavam um caminho a ser percorrido com mais profundidade. No entanto, foram esses estudos que nos possibilitaram avançar e questionar temas que deles se aproximam e assim construir um pouco mais de conhecimento daquilo que já foi estudado.

Desse modo, observamos que os conceitos trazidos pelo tradicionalismo e estruturalismo não seriam aptos para aquilo que propomos nesse trabalho. Assim, tomamos por embasamento teórico e metodológico uma abordagem construtivista, a TOPE, no intuito de investigar a variação do marcador *PASSAR* na construção no/pelo enunciado. Durante o percurso desse trabalho, consideramos pertinentes os temas abordados nas seções II e III, para então, compreender nas demais seções a posicionamento teórico da TOPE, que a identidade de funcionamento de uma unidade linguística não é estabelecida por um sentido de base que se encontra catalogado por instrumentos formais como em dicionários e gramáticas, mas sim pela maneira unívoca que a unidade exerce nas interações constitutivas do sentido dos enunciados em que ela é posta.

Partimos desse novo olhar sobre a linguagem como atividade constitutiva do homem articulada às línguas naturais, conforme discorremos na seção I. Ao analisarmos o marcador *PASSAR*, apoiamos-nos na tese de que as unidades da língua, independentemente das categorizações que lhes são dadas, apenas adquirem sentidos nos textos por causa do sujeito tido como operatório, responsável pela transformação das unidades. Os enunciados analisados corroboram essa proposta. Os enunciados trazidos para esse trabalho convocaram as operações de qualificação e quantificação.

Ressaltamos novamente que *PASSAR* desfaz aquilo que já se encontrava estabilizado, ou seja, os dados explicitam a trajetória de estabilização da representação,



que passa por processos de instabilidade, mas que se estabiliza num certo ponto desse processo. O projeto de representação inicial se torna memória enunciativa. Conforme Culioli (1990, p. 94), “a instabilidade provoca a busca de uma saída que fornecerá a indispensável estabilização”<sup>30</sup>

Ao se desfazer, retorna ao plano do pré-construído. As operações de predicação que partiram da orientação (projeto de representação) de existência de um nome encontraram resistência no percurso. O enunciado é o rastro dessas operações que vai do instável ao estável. O valor operatório para *PASSAR*, em tais casos, reside no fato de situar o projeto de existência de representação e se integrar a esse projeto culminando em um novo dado, um novo projeto de existência de representação.

Finalizamos este trabalho, mas não a pesquisa. Esperamos que nosso trabalho seja um modesto incentivo a outros que virão e para aqueles que projetam fazer um belo trabalho em TOPE. Esperamos que ele contribua para sua experiência de ser um pesquisador nesta teoria que aprendemos a amar. Consideramos que essa pesquisa não se esgotou aqui e estamos cientes das possibilidades não contempladas, mas que serão tratados num momento posterior por nós ou outrem.

Até aqui nos ajudou o Senhor!  
I Samuel 7:12.

---

<sup>30</sup> Original: l'instabilité provoque la recherche d'une issue qui fournira une stabilisation indispensable.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUILAR, C. **Operações Enunciativas e valores referencias:** Estudo da marca Apesar de. Tese de Doutorado. Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2007.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa.** Rio de Janeiro: Lucena, 2004.

BIASSOTO, M. **Para uma gramática da produção:** análise da marca mesmo sob o enfoque da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Araraquara: SP, 2012.

BIASOTTO, M. **A tradução em termos de equivalência:** uma perspectiva culioliana. Versão Beta (UFSCar), v. 8, p. 43-58, 2010.

BORBA, Francisco da Silva. **Uma Gramática de valências para o português.** São Paulo: Ed. Ática S.A, 1996.

CAMARA JUNIOR, J. **Dicionário de Linguística e Gramática,** 26ª Ed. Vozes, 2007.

CAMARA JUNIOR, J. **Estrutura da Língua Portuguesa.** Petrópolis: Ed. Vozes, 36 ed., 2004.

CASTILHO, Ataliba T. de. **Aspecto verbal no Português falado.** In: ABAURRE, . Campinas: Ed. Unicamp, v. VIII, 2002, p.83 – 116.

CASTILHO, A. **Nova Gramática do Português Brasileiro.** São Paulo: Contexto, 2014.

CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation: domaine notionnel.** Paris: Ophrys, 1999b. v. 3.

CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation: formalisation et opérations de repérage.** Paris: Ophrys, 1999a. v. 2.

CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation: opérations et représentations.** Paris: Ophrys, 1990. v. 1.

CULIOLI, A. **A propos de la notion.** In: GROUSSIÈRE, M.L.; RIVIÈRE, C. (orgs.) La notion. Paris: Ophrys, 1997, p. 9-24.

CULIOLI, A. **Cognition and representation in linguistic theory.** In: Current issues in linguistic theory, 112. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin Publishing Company, 1995.





CULIOLI, A. **Escritos**. Tradução de Sophie Fisher e Eliseo Verón. Buenos Aires : Santiago Arcos, 2010.

CULIOLI, A. **La linguistique de l'énonciation**. In : ALONSO, C. L.; SERE DE OLMOS, A. (Eds.) *Où en est la linguistique? Entretiens avec des linguistes*. Paris: Didier Erudition, p. 25– 57, 1992.

CULIOLI, A. **Notes du séminaire de D.E.A.** - 1983-1984. Paris- Poitiers, 1985.

CULIOLI, A. **Representation, referential processes and regulation. Language activity as form production and recognition**. In: MONTANGERO, J.; TRYPHON, A. (Eds.) *Language and cognition*. Geneva: Jean Piaget Foundation, p. 97-124, 1989.

CULIOLI, A. **Transcription du séminaire de D.E.A.** - 1975-1976. Paris: Université de Paris.

CULIOLI, A. **Variations sur la linguistique** : Entretiens avec Frédéric Fau. Paris, Klincksieck, 2002.

CUMPRI, M. L. **Algumas reflexões sobre léxico e gramática**. In: *Entrepalavras*. n.1. vol.2. Fortaleza: CE.2012.p41-50.

CUMPRI, M. **Aspectos Epistemológicos do legado linguístico de Antonie Culioli**. Palimpsesto. n° 28, 2018. p. 308-324.

CUMPRI, M. **Contribuições ao estudo da ambiguidade da linguagem: uma proposta linguístico-educacional**. Tese (Doutorado em Linguística) Araraquara, 2008. - Faculdade de Ciências e Letras, Unesp, Araraquara, 2008.

CUMPRI, M. L. **Da noção ao texto: um estudo enunciativo da produção textual**. Araraquara. 2008. 124f. Dissertação (mestrado em linguística e língua portuguesa). - Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara, 2008.

CUMPRI, Marcos. **Sentido, referencia e valores referencias na perspectiva enunciativa**. Recorte– revista eletrônica ISSN 1807-8591 Mestrado em Letras: Linguagem, Cultura e Discurso / UNINCOR V. 10 - N.º 1 (janeiro-junho - 2013)

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008

DE VOGUÉ, S. **Construction d'une valeur référentielle: entités, qualités, figures**. Travaux linguistiques du Cerlico 12. Presses universitaires de Rennes, 77-106, 1999.  
De VOGUÉ, S. FRANCKEL, J-J. PAILLARD, D. **linguagem e Enunciação: Representação, referenciação e regulação**. São Paulo: Contexto, 2011.





VOGUÉ, S. **Os princípios organizadores da variedade das construções verbais.** *ReVEL*, v. 9, n. 16, 2011.

DUCARD, Dominique. **O grafo do gesto mental na teoria enunciativa de A. Culioli.** *Letras de hoje*, Porto Alegre, v. 44, n. 1, p. 64-71, 2009.

FRANCHI, C. **Mas o que é mesmo “gramática”?**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

FRANCKEL, J. J, PAILLARD, D. **Aspectos da teoria de Antoine Culioli.** In: VOGUE, S. de. et al. *Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação.* São Paulo: Contexto, 2011.

FRANCKEL, J.-J.; PAILLARD, D.; SAUNIER, E. **Modes de régulation de la variation sémantique d’une unité lexicale. Le cas du verbe passer.** In: *Actes du Colloque International La locution: entre lexique, syntaxe et pragmatique.* Paris: Klincksieck, 1997, p. 49-68

GOLDBERB, E. **Constructions at work: The nature of generalization in language.** Oxford: Oxford University Press, 2006.

IGNÁCIO, S. **Análise sintática em três dimensões: uma proposta pedagógica.** 2. ed. São Paulo: Ribeirão, 2002.

NEVES, M. **Gramática de usos do português.** São Paulo: Editora Unesp, 2000.

NEVES, M. **Texto e gramática.** São Paulo: Contexto, 2006.

OLIVEIRA, B. **Polissemia, identidade semântica e sentido figurado em unidades verbais em português brasileiro: Reflexões sobre o Ensino do Léxico.** Dissertação de mestrado. Universidade Federal de São Paulo - Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Guarulhos, 2013.

ONOFRE, S. **A atividade de linguagem nos deslocamentos enunciativos temporais.** 2017.150f. Tese (doutorado em linguística). Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2017.

PASQUALE, C; ULISSES, I. **Gramática da Língua Portuguesa.** São Paulo: Scipione, 1998.

PERINI, M. **Gramática Descritiva do Português.** São Paulo: Parábola, 2004.

PRIA, A. **Para um redimensionamento do estudo do adjetivo: os processos enunciativos de variação semântica de falso.** Tese de Doutorado – Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2009.

RAPOSO, E. **Gramática do Português.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, v. II, 2013.



REZENDE, L. M. **Léxico e gramática**: aproximação de problemas linguísticos com educacionais. Tese (Livre docência) – Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2000.

REZENDE, L. M. **Gramática e ensino de línguas**. Série encontros, Araraquara, n.1, ano III, p.132-53, 1989.

REZENDE, L. **Operações da linguagem e algumas construções nominais**. In: *Alfa*. São Paulo, 46: p.111-127, 2002.

REZENDE, L. **Variação e invariância na Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas**. In: Pria, A. D. et al. (Orgs.) *Linguagem e língua: invariância e variação*. 1. ed. Campinas: Pontes, 2014.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 38<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992

ROMERO, Márcia. **Epilinguismo**: considerações acerca de sua conceitualização em Antoine Culioli e Carlos Franchi. *ReVEL*, v. 9, n. 16, 2011. [www.revel.inf.br].

SALVIATO-SILVA, A. C. **A marca porque nos textos escolares: uma proposta para atividades epilinguísticas**. Tese (Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, 2007.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. Organização de Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Trad. de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 27<sup>a</sup> ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2006.

SOUZA, F. **Estudo do marcador DE REPENTE sob o enfoque da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas**. Dissertação (mestrado em linguística) Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres, 2018.

VIGNAUX, G. **Le discours acteur du monde**. Enonciation, argumentation et cognition. Paris: Ophrys, 1988.

ZAVAGLIA, A. **Pequena introdução a teoria das operações enunciativas**. São Paulo: Humanitas, 2010.

ZAVAGLIA, A. **Da invariância da linguagem à variância das línguas**: contribuição para a elaboração de uma teoria enunciativa da tradução como um caso particular de paráfrase. Tese de Doutorado. Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2002.



## REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

CUMPRI, Marcos. **Em defesa de uma gramática operatória: retrospectiva linguística.** (2013). Acessado em 15/12/2020. Disponível em: <http://www.inventario.ufba.br/09/EM%20DEFESA%20DE%20UMA%20GRAMATIC A.pdf>

CUNHA, M. CÉSAR, A. **Enquadramentos Semânticos para Verbos de Movimento Transitivos Diretos.** Disponível em: < <https://academia.edu> >. 2014.

DICIONÁRIO MICHAELIS on line. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/passar/>

NEVES, Maria Helena Moura. (2002). **Gramática: história, teoria e análise, ensino.** Conteúdo digital (ebook). Disponível em: <https://ler.amazon.com.br/?asin=B008RUN3XQ>

SALVIATO-SILVA, A. C. **Uma proposta enunciativa para o estudo do texto,** 2010. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:wW0oOe3W9i4J:publicacoes.unifran.br/index.php/colecaoMestradoEmLinguistica/article/viewFile/334/264+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>